O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLI | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 8 DE FEVEREIRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:236

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

AVEIRO

Partido progressista

Uma parte da imprensa regeneradora, que parece ter por costume julgar dos sentimentos dos outros pelos seus, propôz-se dizer as coisas mais estravagantes sobre a attitude honrada do partido progressista na conjunctura que atravessamos, e para isso não tem duvida em malsinar as melhores intenções, chegando a inventar calumnias que felizmente se desfazem como o fumo. E porque para o caso tem uma reconhecida importancia o que, sob o mesmo titulo, publica o nosso esclarecido collega, *Correio da Tarde*, que é um dos orgãos do partido progressista na capital, n'um dos seus ultimos n.os, transcrevemol-o aqui, dando-lhe de preferencia este logar:

« Sempre é bom dizer que, desde janeiro de 1892 até este momento, nas diversas phases porque tem passado a politica portugueza — *nunca se perguntou ao partido progressista se elle estava nas condições de poder governar e se queria governar*, e tambem elle a ninguem disse que *não podia, não queria ou lhe não convinha fazer governo.* E' preciso que isto se diga clara e positivamente para evitar que se esteja a justificar a conservação do actual gabinete, allegando factos que não se deram nem podiam dar. »

Esta é a verdade inteira.

Eleições contestadas

Como se vê do telegramma que segue, e que devemos á obsequiosidade do nosso illustrado correspondente na capital, a eleição de Oliveira d'Azemeis acaba de ser annullada pelo tribunal de verificação de poderes, como foram approvadas as de Villa Real de Santo Antonio e Margão, em que haviam vencido os candidatos progressistas. Folga com estas venerandas decisões a causa da justiça, tão notavelmente defendida perante aquelle tribunal pelos nossos illustres amigos e brilhantes parlamentares, srs. dr. Barbosa de Magalhães e conselheiro Veiga Beirão.

LISBOA 6, ÁS 4 H. DA T.

Campeão das Provincias=Aveiro

Acaba de ser annullada a eleição d'Oliveira d'Azemeis, na parte respeitante á assembleia de S. João da Madeira. Foram approvadas as de Villa Real de Santo Antonio e Margão. Marcado o dia 20 para julgamento das eleições d'Ovar, Aveiro e Caldas, em todas as quaes é advogado defensor o nosso amigo, dr. Barbosa de Magalhães. Y.

Por tão justas decisões de novo felicitamos os nossos presados correligionarios d'aquellas importantes localidades.

A lista aberta

O sr. José Dias está recebendo o premio justissimo da mais acertada condemnação do poder judicial ás suas rabulices de advogado sem meritos e de legislador sem consciencia.

Todos os tribunaes para que os agentes do ministerio publico recorreram das eleições das commissões districtaes, feitas por escrutinio secreto, teem negado provimento a esses recursos, condemnando por uma forma verdadeiramente humilhante para um ministro de estado, as suas pretenciosas mas descabidas apreciações juridicas.

Temos em nosso poder o veredictum lavrado pelo meritissimo juiz de Santarem, que publicaremos por inteiro no nosso proximo n.°, e em que o recto magistrado faz considerações notabilissimas na corroboração da opinião que a tal respeito temos dado sempre. Referindo-se tambem ao que se passou em Aveiro, o sr. juiz de Ssntarem faz na sua sentença considerandos severos mas verdadeiros.

E assim por todos os tribunaes do paiz onde houve reclamações a tal respeito. Folga com isso a justiça, mas ficam a escorrer sangue as pustulas do ministro hediondo e do advogado reles.

Commissão Districtal

Menos bem informado, decerto, o nosso presado collega, o *Jornal d'Anadia*, diz no seu ultimo n.° que o sr. juiz de direito d'esta comarca annullara a eleição da commissão districtal.

Não é verdade isto. A pretenciosa reclamação do ministerio publico, deu apenas em resultado a suspensão preceituada pelo artigo 299 do codigo administrativo, que não era para este caso porque não havia aqui damno irreparavel ou de difficil reparação, mas só isto e nada mais.

Ora como a noticia do collega pode causar lá fora effeitos de apreciação menos verdadeira ao acto do poder judicial, por que ninguem crê que haja juiz algum capaz de semelhante injustiça, apressamo-nos a fazer a rectificação, por amor á verdade.

O juiz de direito da comarca não annullou tal a eleição da commissão districtal, nem se crê que o faça, porque passaria por sobre todos os foros da justiça, tendo tambem contra si a opinião sensata e dignissima de todos os seus collegas dos differentes districtos do paiz, todos os quaes já deram sentença julgando improcedentemente a reclamação do ministerio publico. Mas se o fizer, ainda resta para satisfação á lei e ao direito, a respectiva instancia superior.

No entretanto, vá o collega fazendo a devida rectificação.

Infancia desvalida

Vae fechar o asylo de infancia desvalida da Guarda, porque o governo se recusa a fornecer os meios indispensaveis para a sustentação d'aquelle utilissimo estabelecimento districtal.

Ficam assim expostos barbaramente á miseria e á fome 27 orphãos alli recolhidos e educados!

A junta geral do districto subsidiava todos os annos com 800$000 esse azylo, que não tinha nem tem rendimentos bastantes para se poder sustentar. Pois o governo, tendo-se apropriado de mais de 80 contos de réis que estavam no cofre districtal, mandou offerecer apenas para o anno futuro 200$000 réis. Pasma a gente do que se vê n'este desgraçado e ruinoso reinado do sr. Dias Ferreira!

E' d'um horror implacavel, semilhante procedimento.

E o peior é que estamos a ver que ao asylo districtal d'Aveiro succederá dentro em pouco a mesma coisa, porque ao governo do sr. José Dias pouco importa que a orphandade morra de fome e de miseria. Pois não estava elle para decretar a lei da fome? Não era a lei da miseria essa serie de destemperos e de gravames iniquios a que deu o nome de medidas de fazenda e com que se preparava para nos arrancar a pelle? Não será, pois, para admirar que, depois de ter arrecadado toda a receita do districto, parte da qual era destinada á instituição piedosa do asylo-escola districtal d'Aveiro, lhe não forneça agora o necessario para a sua subsistencia? Tudo pode ser, e, francamente, é só pelo que nos resta esperar agora.

PENHORANTE

Do nosso antigo e respeitabilissimo amigo, sr. Marquez de Penalva, recebemos as linhas que seguem, que são para nós muito penhorantes, tanto mais que da nossa parte não houve sombra de favor ou lisonja para com o caracter nobilissimo do illustre titular, alma aberta para todos os infortunios, pois a bondade do seu animo e a sua caridade não tem limites.

O sr. Marquez de Penalva nada tem que nos agradecer; quem deve agradecimentos e muitos, somos nós a s. ex.ª. Declaramol-o com prazer.

Sr. redactor.—Agradeço penhoradissimo as amabilissimas phrases, a meu respeito, que ha pouco tempo li no *Campeão*, e já não é o primeiro favor que devo á redacção.

Peço a publicação d'estas linhas, como prova do meu reconhecimento.

Lisboa, de fevereiro de 1893.

Marquez de Penalva.

CONVITE

A fim de se resolver sobre o meio mais pratico de levar a effeito, com a maior brevidade, o projecto do estabelecimento do ramal do caminho de ferro entre a estação de Sá e o caes do Cojo, são convidados todos os srs. proprietarios, industriaes e commerciantes que quizerem acompanhar este assumpto, a reunirem n'uma das salas do Lyceu d'esta cidade, na proxima quinta-feira, 9 do corrente, pelas 6 horas da noute.

Aveiro 7 de fevereiro de 1893.

Manuel Gonçalves de Figueiredo.
Elias Fernandes Pereira.
Edmundo de Magalhães Machado.

CARTA DE LISBOA

7 DE FEVEREIRO DE 1893.

Nenhuma occorrencia notavel se tem dado nos ultimos dias.

O sr. Oliveira Martins concluiu o seu discurso, que foi primoroso na forma e concludente nos conceitos.

O sr. Dias Ferreira começou a responder-lhe, mas ninguem espera que o possa fazer com vantagem.

O que a todos maravilha é como o governo se conserva ainda no poder. O que succede a este respeito é uma verdadeira maravilha. Affirmam todos que o sr. Dias Ferreira se demitte logo que seja votado o accordo com os credores estrangeiros. Dá-se isso como resolvido. Veremos, porém, o que succede.

— Reuniu-se hontem novamente o tribunal de verificação de poderes, para resolver ácerca das eleições contestadas de Margão, Villa Real de Santo Antonio e Oliveira d'Azemeis. Na discussão d'estes processos tomaram parte os srs. conselheiros Thomaz Ribeiro e Veiga Beirão, bem como os srs. drs. Barbosa de Magalhães, Agostinho Lucio e Jacintho Candido. O tribunal, depois dos debates, constituiu-se em sessão secreta que começou á 1 hora e terminou ás 3 horas e meia, lendo-se então o resultado da conferencia, que foi approvar as eleições de Margão e Villa Real de Santo Antonio, e annullar a eleição de S. João da Madeira, circulo de Oliveira d'Azemeis.

Os processos julgados na sessão de sabbado foram hontem remettidos para a camara dos deputados.

— As gazetas regeneradoras, diz o *Correio da Noite*, descobriram que o sr. José Luciano não quer entrar no governo antes da eleição do governador da companhia de credito predial, que deve realisar-se no mez de março proximo, e por este modo explicam a attitude do partido progressista. Ora o sr. José Luciano tanto póde ser reeleito governador da companhia de credito predial estando no governo, como não estando. Toda a gente sabe isso. Só o ignora quem o quer ignorar. E lá se vae pela agua abaixo a tal explicação da attitude dos progressistas! Vejam se descobrem outra.

— O partido progressista alarga por toda a parte a sua esphera d'acção. O numero dos seus correligionarios cresce todos os dias. O distincto africanista sr. Alvaro de Castellões e o sr. dr. Abel da Silva, cirurgião-mór de infanteria n.° 5, acabam de filiar-se no grande e patriotico partido.

— O nosso amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães, acaba de obter dois triumphos juridicos que muito o elevam no conceito da alta magistratura portugueza. O illustre jurisconsulto teve de defender na segunda-feira proxima, perante o respectivo tribunal, as eleições de Margão e Villa Real de Santo Antonio. Tractava-se de levar á camara dois deputados progressistas ou dois regeneradores. De mais será dizer que venceram os primeiros. A sua causa, entregue á provada capacidade de tão distincto jurisconsulto, foi salva por elle, e mais dois deputados progressistas, vão ter assento no parlamento—graças aos seus esforços. Agora tem de defender a eleição do candidato progressista por Setubal; e no dia 20 as d'Aveiro, Ovar e Caldas. Tres defezas para um dia é verdadeiramente extraordinario, mas elle tem forças para tudo, principalmente quando se tracta do bem do seu partido e da defeza da justiça.

— A questão d'Oliveira d'Azemeis resolveu-se como era d'esperar. As torpezas commettidas na assembléa de S. João da Madeira foram castigadas pelo tribunal, annullando o acto que alli se praticou, e que agora terá de repetir-se, sabendo-se que o resultado da eleição não offerece a menor duvida, podendo julgar-se eleito por alli o candidato progressista, sr. D. João d'Alarcão.

— Chegou a Lisboa a commissão delegada do comicio que houve na Regua. A commissão é composta de proprietarios e vinicultores da região vinicola do Douro, e é portadora de representações dirigidas a Sua Magestade El-Rei e ás camaras contra o actual regimen do alcool. N'essas representações expõe a situação creada aos vinicultores, com risco de comprometter o credito dos vinhos do Douro, sem vantagem para o thesouro. Na sahida da Regua foi a commissão acompanhada á *gare* por milhares de pessoas de todas as classes. No Porto aggregou-se á commissão uma outra de negociantes de vinhos. As representações foram hoje entregues a Sua Magestade El-Rei e ás camaras.

— Um telegramma de Sevilha, chegado n'este momento, diz—que tendo-se aggravado os padecimentos de sua alteza a duqueza de Montpensier, Sua Magestade a Rainha de Portugal adiara a sua partida para Lisboa, onde, a não se dar o caso que se dá, devia chegar na tarde d'ámanhã.

Diz-se agora que Sua Magestade sempre regressa ámanhã ás 4 da tarde.

— O sr. conde d'Alto Mearim tambem se filiou no partido progressista. A sua declaração é apreciada pelo *Correio da Noute* nos seguintes termos:

«Fallou hontem pela primeira vez na camara dos deputados o nosso amigo o sr. conde de Alto Mearim, que fez uma estreia brilhante, e que por isso foi enthusiasticamente felicitado por todos os que o ouviram.

Figura esvelta e sympathica, voz sonora e nitida, palavra correcta e facil, estas são as principaes qualidades, que assignalaram o novo orador ao surgir na tribuna parlamentar. Por isso o saudamos fervorosamente, e congratulamo-nos com a camara por tão auspiciosa estreia, e com o partido progressista pela espontanea adhesão de tão distincto correligionario. Honra-nos a sua camaradagem, e penhora-nos a fidalga cortezia, com que sua ex.ª, alheio ás questões da politica nacional, escolheu o nosso partido para sob a sua bandeira se alistar e servir o seu paiz. Ufanamo nos com esta distincção. Nada nos devo o sr. conde. Não tinha por isso que nos agradecer. Veiu porque lhe agradou a nossa companhia, porque approvou a nossa marcha politica, porque viu no nosso partido o herdeiro das tradições, e dos principios fundamentaes da escola de Passos Manuel. Veiu, porque a sua rasão, as suas sympathias, a apreciação imparcial dos homens e das circumstancias o impelliram para nós. E' esse publico testemunho de consideração, que agradecemos ao nosso novo e estimavel correligionario.»

— Para se aquilatar com precisão a bondade e as qualidades dadivosas de Rosa Araujo, transcrevo do *Correio da Noite* o seguinte periodo:

«Uma nota curiosa, que mostra bem até onde chegava a condescendencia do sr. Rosa Araujo. Depois de ter dado toda a sua fortuna e de não ter já mais nada para dar, deu os logares todos que tinha no seu jazigo, de maneira que hontem, quando iam a collocar alli o seu cadaver, não havia logar para elle, tendo sido por isso necessario deposital-o n'um jazigo alheio. Deu tudo, e quando não tinha mais bens de fortuna para dar, deu a sua ultima morada no cemiterio, que era talvez a unica propriedade livre que lhe restava.»

Que repouze em paz o benemerito filho do povo lisbonense—dizem todos.

— O que hoje se passou na camara electiva é o seguinte:

No principio da sessão, foram lidos os accordãos do supremo tribunal de justiça, relativos ás eleições que foram julgadas no sabbado e prestou juramento o sr. Alberto Pimentel.

Pede em seguida a palavra o sr. Dantas Baracho. Como está presente o sr. ministro da guerra, o orador congratula-se por esse facto, e pergunta ao sr. ministro da marinha se já estão concluidos os trabalhos de delimitação de fronteiras, no Baixo Congo, e se s. ex.ª está disposto a mandar publicar as notas trocadas entre os delegados portuguezes e estrangeiros, e as contas da despeza. Pergunta tambem quem é o commissario regio para a delimitação da Lunda. Pede esclarecimentos com respeito á nossa situação em Ajudá, e quer saber o que ha com respeito ao Barotze, e se o governador geral de Moçambique pediu a sua transferencia.

O sr. Ferreira do Amaral responde que os trabalhos já estão concluidos, sem que tivesse havido grandes difficuldades. Todas as actas das conferencias entre os delegados serão publicadas quando o fôr a convenção geral, e serão acompanhadas por uma nota especificada das despezas. Dá explicações sobre a situação do governo portuguez em Ajudá, e sobre o Aorotze.

O sr. Dantas Baracho insiste sobre as perguntas feitas antecedentemente, e declara que se não satisfaz apenas com a publicação d'alguns documentos; mas quer que todos vejam a luz da publicidade para que se saiba quem foram os delegados do governo que trabalharam. Censura o sr. ministro da marinha, outrora inimigo feroz dos belgas, pelas excessivas condescendencias que tem tido com elles nos trabalhos de delimitação. Se elle orador tivesse continuado dirigindo os trabalhos em Africa, já a estas horas tudo estava feito e assim ainda teremos de esperar para junho. Trata depois da desgraçada situação em que se encontra a nossa provincia de Angola, e refere-se ás colonias do planalto de Huila, que só servem, no seu entender, para se saber que alli se reproduz a raça branca. Advoga a necessidade da creação de ordens religiosas para o ultramar, pretendendo demonstrar a incoherencia do nosso procedimento a esse respeito, porque sendo nós acerrimos adversarios da creação de ordens religiosas portuguezas, admittimos nas colonias missionarios de ordens estrangeiras. Cita o exemplo da França que procede de bem differente maneira. Insurge-se contra as regalias que se dão ao preto, e que são, por assim dizer, um incitamento á perseguição, e pede a regulamentação de trabalho no ultramar. Fallando da liberdade de imprensa no ultramar, ataca-a redemente.

Responde o sr. Ministro da marinha, tratando de defender a sua gerencia, e expondo as vantagens que poderão advir das colonias de Huila. Tambem é de opinião que devem ser estabelecidas ordens religiosas que enviem para toda a *Africa missionarios* sufficientes, para se oppôrem á propaganda dos estrangeiros contra o nosso dominio.

Ordem do dia

Leu-se na mezà o projecto de lei n.° 113, depois do que continuou o seu discurso interrompido hontem o sr. Oliveira Martins. Diz que o decreto de 13 de junho representa que o governo não querendo acceitar uma bancarrota a praso de dois annos, a acceitára immediatamente. Fallando sobre o premio do ouro, diz que as circumstancias que ao principio da crise determinaram a sahida do ouro, não se dão já, porque a exportação de capitaes, que antes era de 45:000 a 50:000 contos, baixou a 8:000. Porque se mantem então o premio do ouro?

Porque o decreto de 13 de junho mantem a desconfiança.

Bastava que o premio fosse de 10 p. c. para que o terço offerecido aos credores, pelo decreto de 13 de junho, representasse mais do que os 50 p. c. do convenio. Demonstrou depois o orador o augmento progressivo da divida do governo ao Banco de Portugal, notando o facto de n'um semestre ter a emissão de notas sido de seis mil contos e o governo ter recebido do banco sete mil. Toda a emissão não chegou para as necessidades do governo.

O decreto de 13 de junho, diz o orador, torna chonica a situação precaria do thesouro portuguez, e hade levar-nos ao papel moeda.

Acha pessimo o appello para os impostos, e diz que não é com elles que se hade salvar o paiz.

O orador historia as difficuldades que surgiram nas relações com os credores estrangeiros e não esquece pro-menores relativos aos celebres certificados dos dois terços, e a declaração feita nos recibos e de que se podia deprehender que o governo modificara a sua promessa relativa ás condições do pagamento. Dos documentos que estão juntos ao parecer, o sr. Oliveira Martins deduz que os credores protestam contra o projecto que está em discussão! Como se comprehende então que o sr. ministro da fazenda declare que não havia reclamações? Quando perguntou se havia reclamações não se referia só a notas diplomaticas. Se os credores protestam, como vae o parlamento votar o que ha de fatalmente ser modificado?

Passou a apreciar a resposta do governo a respeito dos recursos com que se poderia contar para pagar os encargos resultantes do projecto.

Se esses recursos são os que hão de resultar das medidas tributarias, e se essas medidas ainda não estão votadas, e já estão produzindo resistencias, como quer o governo levar o parlamento a firmar promessas solemnes?

O orador terminou lamentando que ainda se não saiba se os credores acceitam as condições do projecto. Quasi de surpreza, o orador terminou, deixando o sr. Dias Ferreira, muito afflicto, olhando para o relogio.

Em todo o caso o sr. Dias Ferreira levanta-se *para se estender*.

Começa o sr. ministro (e logo o sr. Rodrigues de Freitas se inscreveu) por dizer que a questão é muito grave! Depois d'isto falla na sua orientação financeira e economica!! Recorreu ao emprestimo do Banco, para não recorrer ás praças estrangeiras. Esta questão é uma questão da soberania nacional! Já tinha dito isto mesmo na commissão de fazenda. Cita as reclamações d'uma nação estrangeira, quando se cuidou na reducção dos encargos da divida publica. (Acode o sr. Oliveira Martins fazendo uma referencia á resolução que então s. ex.ª aconselhára).

Então o sr. Dias Ferreira leu reclamações dos governos de Inglaterra em... 1852! E aproveita a presença do sr. conde de Casal Ribeiro para lhe fazer um grande elogio. E para provar que não é necessario ouvir os oradores, lê palavras do illustre estadista. Faz uma apostrophe aos compradores dos titulos da divida publica portugueza. Para s. ex.ª, quem tal faz joga...

Nota uma contradicção do sr. Oliveira Martins—que queria accordo com os credores e ao mesmo tempo accordo com os recursos da nação! Esqueceu-se de dizer que fôra mesmo s. ex.ª que dissera que os credores não reclamariam contra o projecto, quando é certo haver protestos junto do parecer que se discute. Dá uma triste noticia á camara—o convenio não resolvia a questão e aggravava as condições do thesouro. O decreto de 13 de junho não é original. Os homens de 1852, os da primeira regeneração, foram os inventores d'elle. Do convenio só resultava ficarem contentes os *comités*, mas não os portadores dos titulos, porque o convenio não era feito com todos.

O orador continua com a palavra. A sessão só terminára ás 6 horas.

O sr. José d'Azevedo está inscripto para antes de fechar a sessão. A sala começa a escurecer e a questão do convenio ainda não está esclarecida. O sr. Dias Ferreira ataca o convenio, mas não explica o projecto que se discute. Tem, pois, resposta para o sr. Oliveira Martins, mas não respondeu ainda a quem precisa de saber com que recursos se ha de pagar o terço em ouro.

— Está em Lisboa o sr. Bispo Conde. S. ex.ª está hospedado no hospicio do clero em Santa Martha. Veio assistir ao casamento da filha do sr. conde dos Olivaes.

— O empregado dos correios e secretario particular do sr. Paulo Benjamin Cabral, Antonio Francisco Martins Vicente, foi victima, ante-hontem de manhã, de uma imprudencia fatal. Perdido com uma fortissima dôr de dentes, tomou um bochecho de acido phenico. Bochecho foi elle, que, escorrendo o liquido para a larynge, em poucas horas o tinha cadaver. O enterro do desventurado e sympathico moço realisou-se hontem á tarde, com um grande concurso de collegas e amigos consternados com tão doloroso acontecimento.

— Sobre o crime da serra de Monsanto o mais que se tem apurado é que o perfido marido não só arrancou a vida a sua esposa, mas fez mais: pretendeu manchar-lhe a honra. O que disse d'ella em seu depoimento é inteiramente falso. Todos os documentos que se apresentam depõem abundantemente sobre a honestidade da infeliz. O malvado já foi expulso da guarda municipal em que servia, e vae responder a conselho de guerra para ser depois entregue ás justiças criminaes. O cinismo com que se apresenta e com que a tudo responde exclue toda a complacencia que possa ter-se com elle. E' um assassino provado com o caracteristico da mais execranda hediondez.

— Deu hoje entrada no Governo Civil uma pobre rapariga louca, de 22 annos de idade. E' uma infeliz agitada. E' notavelmente bonita, e, coisa curiosa, tem muitas semelhanças com uma distincta actriz portugueza, viuva de um actor celebre. Juntamente com ella, no calabouço n.° 1, estão duas mulheres que a acompanharam e que quizeram conservar-se junto da desgraçada para a segurarem, dado o caso de se lhe repetir algum ataque de furia. Vae ser examinada pelos sub-delegados de saude, afim de dar depois entrada em Rilhafolles. Chama-se Maria Thereza, é natural de Lagos e mora na rua do Sol a Santa Catharina, n.° 13. Tem a monomia religiosa.

— Da Certã vieram tambem hara Lisboa dois loucos, acompanhados por um official de diligencias d'aquella comarca e dois outros homens, com destino a Rilhafolles. Apesar de o referido official apresentar ao sr. Bombarda todos os documentos precisos, este sr. não os quiz acceitar por não trazerem a papeleta official de remessa. E lá vão os pobres loucos e os que o acompanham outra vez para a Certã! E' assim tudo n'esta terra. Para umas coisas todas as regularidades, para outras nenhumas.

— No tribunal do commercio d'aqui foi hontem aberta fallencia á massa hereditaria do sr. Rosa Araujo, a requerimento de quatro credores. Foi fixado o praso de 60 dias, para reclamação de creditos e foi nomeado administrador da massa o sr. Alexandre Magno Fernandes. Y.

A' ultima hora.—O sr. Dias Ferreira acaba de soffrer mais um cheque na camara electiva. Succedem-se estes casos, mas o illustre homem politico tem *couro de sapo*, e passa por cima de tudo com o criterio de quem já não tem que perder, visto que o pundonor e o brio o desampararam de todo.

O caso passou-se assim. Ao findar a sessão, quando o sr. Dias Ferreira acabava de fallar, o sr. Oliveira Martins pediu a palavra para explicações. Sendo-lhe concedida explanou-se em varias considerações sobre a marcha politica do governo e o seu plano financeiro, recebendo muitos applausos da maioria da camara, o que provocou protestos vehementes dos deputados governamentaes, que pediam em altos gritos que fosse cortada a palavra ao orador. O sr. presidente da camara, querendo serenar a tempestade, adverte o sr. Oliveira Martins de que, tendo elle pedido a palavra para explicações, não podia fazer discursos. De todos os lados da camara rompem muitas vozes «Falle, falle». O sr. presidente disse então não poder permittir ao orador a continuação do uso da palavra sem ser consultada a camara. Posto o caso á votação os deputados governamentaes votaram contra, mas a camara por uma maioria superior a 20 votos resolveu que o orador continuasse no uso da palavra.

N'estas circumstancias o sr. Oliveira Martins desfez quanto o sr. Dias Ferreira havia dito, dando-lhe uma tremenda toza. Infructifero é porém tudo o que se fizer:—perdeu a vergonha: temos homem para tudo. Resta ver se o paiz está disposto a atural-o por mais tempo. Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Fez hontem annos o sr. Manuel Firmino de Vilhena e Magalhães, estudioso filhinho do nosso presado amigo e distincto collega, sr. dr. Barbosa de Magalhães, a quem felicitamos.

— Passou na segunda-feira o anniversario natalicio do nosso presado amigo e distinctissimo collaborador, sr. Marques Gomes, *a quem jubilosamente* saudamos.

Baptisado.—Realisou-se na segunda-feira o baptisado d'um filhinho do nosso dilecto amigo e collega, sr. Marques Gomes, sendo padrinhos o sr. Bispo Conde, venerando prelado d'esta diocese, mas tocando por procuração o sr. Luiz da Silva Mello Guimarães, e a ex.ma sr.ª D. Georgina de Mello Freitas. O neophito recebeu o nome de Fernão. Os nossos parabens.

Reuniões.—O nosso amigo e habil pharmaceutico d'esta cidade, sr. João Bernardo Ribeiro Junior, recebeu hontem em sua casa algumas familias das suas mais intimas relações, dando-lhes uma bella reunião dançante. O nosso bom amigo, e sua esposa, foram d'uma amabilidade inexcedivel para com todos os seus convidados, dançando-se animadamente até depois das 3 horas da manhã. Foi uma noite que nos deixou as mais agradaveis impressões, como são sempre todas aquellas em que o sr. Ribeiro Junior recebe.

— A'manhã dará tambem uma reunião o nosso prezado amigo e dignissimo escrivão e tabellião d'esta comarca, sr. Silverio de Magalhães. Estão feitos muitos convites, esperando-se uma noite animadissima.

A Malha Partida.—Por um descuido desculpavel, deixámos de dizer outro dia que o cavalheiro que collabora n'esta engraçada opereta dos nossos prezados collegas, srs. Firmino de Vilhena e Vidal Oudinot, escrevendo a musica, de que nos dizem maravilhas, é o sr. Vasco Leão, um considerado cavalheiro do Porto, a quem distinguem não só uns bellos dotes de talento, mas ainda os primores d'uma educação esmerada e de um caracter dignissimo. O habilissimo amador tem já concluidos muitos n.os de musica para esta peça, dizendo-nos informações que nos dão d'aquella cidade, que elles são verdadeiras preciosidades. Conhecidos como são os meritos do auctor, não é isso surpreza para ninguem. A *Malha Partida* deve subir á scena ainda n'esta epoca.

Theatro.—Realisou-se anteontem a recita dada pela festejada *Troupe Dramatica Aveirense*, subindo á scena o bello drama *João, o britador*, que teve bom desempenho por parte de todos os interpretes, sobresaindo, porém, Julio da Silva, que fez muito bem o papel de protogonista, sendo, como todos, muito applaudido. Como a época é de folia, houve varios incidentes comicos, que despertaram viva hilaridade.

Apresentou-se pela primeira vez no nosso theatro uma nova actriz, a quem decerto a arte e a scena portugueza darão nome. Nova ainda, com 14 annos incompletos, a galante artista tem todas as condicções necessarias para grangeal-o, não lhe faltando nem a formosura, tão apreciavel n'uma actriz, nem os dotes de intelligencia necessarios. Depois, pode bem applicar-se-lhe o conhecido ditado: *que filho de peixe sabe nadar*, porque descende d'uma familia de artistas consagrados, como é Carlota Velloso, Maria da Luz, e como foi aquella scintillante gloria do theatro, tão cedo extincta pela morte, a formosa e inspirada Thomazia Velloso.

Luz Velloso, que é ainda uma creança, fez aqui um papel que agradou geralmente, e ha-de ir longe na carreira que tão brilhantemente encetou.

O entrudo.—Muito animado este anno, e já desde os primeiros dias. Bailes publicos, reuniões familiares, mascaras pelas ruas, etc. etc., sobresaindo em tudo um grupo folgasão de bons rapazes da nossa primeira sociedade, alegres, felizes, despreoccupados, sempre com lembranças engraçadas, representando typos cujos modos e caracteres desenham habilmente. Teem sahido quasi todos os dias, ás vezes tocando formosos trechos de musica, outras representando com aplauso geral os typos a que alludem.

Consta-nos que para os ultimos dias do carnaval, a troupe reserva engraçadissimas exibições.

«Tribuno Popular.»—Entrou no seu tregessimo nono anno de publicação este nosso presado e distincto collega conimbricense, que jubilosamente felicitamos.

Desastres.—Em Mogofores foi cortado pelas rodas de um carro, tirado por bois, um pé de um rapasito de 5 annos, filho de um alfayate.

— Foi ha dias apanhado por um comboyo extraordinario, a 3 kilometros da Mealhada, alturas de Alpalhão, um cavallo que fugira apenas o desengataram do trem, que era de Coimbra, e que ia para aquella localidade. Mettendo-se á linha, e cahindo n'um aqueducto aberto, ficou com a cabeça levantada sobre as travessas, sendo morto pela machina. O cocheiro vinha embriagado, e a guarda, em logar de fazer o signal de paragem á distancia regulamentar, apresentou-o junto do cavallo, e o machinista por mais exforços que empregou só pode parar a machina no local do signal, e não evitou a morte do pobre bicho.

Roubo na recebedoria d'Elvas.—Em Elvas foi descoberto um importante roubo de dinheiro, praticado por meio de arrombamento na recebedoria da comarca. Os ladrões procederam com todo o socego á difficil e trabalhosa operação de penetrarem na casa da recebedoria, abrindo primeiramente, com gazua, a porta de um armazem que lhe fica contiguo. Depois começaram a fazer na parede, que tem nada menos de oitenta centimetros de espessura, um rombo por onde cabe bem á vontade um homem cheio. Succedeu que, na parede do lado da recebedoria estavam encostadas duas portas de vidraça, que cahiram e foram encontradas no chão com os vidros esmigalhados, devendo ter produzido enorme estrondo aquella queda. Pois nem este contratempo atarantou os gatunos, que penetraram na casa a que deram uma busca minuciosa, levando todo o dinheiro que estava fóra do cofre—um conto e duzentos e tantos mil reis. Não investiram com o cofre porque este offereceu grande resistencia e o consideraram inatacavel.

No cofre havia bastante dinheiro, que era provavelmente o objectivo dos larapios. Ora, todo este trabalho devia ter sido demorado, e tudo demonstra que os auctores do crime estavam seguissimos de que ninguem os interromperia no seu *bico d'obra*, mesmo apesar de todo o ruido que devia ter produzido o arrombamento da parede e a queda das vidraças.

Dizem os visinhos que por volta da meia noite de sabbado ouviram grande bulha, mas não ligaram mais importancia ao facto.

As auctoridades encetaram já as suas diligencias, mas parece que não encontraram até agora um indicio que conduza a uma pista.

O roubo foi descoberto no domingo pelas duas horas da tarde.

Almeida Garrett—Um anniversario.—Passou no ultimo sabbado o 94.° anniversario do nascimento de Almeida Garrett, que se deu no Porto, na casa hoje n.os 37, 39 e 41 da rua do Calvario, aos 4 de fevereiro de 1799. Commemorando um tal anniversario a *Galeria Portugueza*, primorosa revista d'aquella cidade, publica no seu n.° 8 um retrato do illustre poeta, romancista e dramaturgo, e artigos commemorativos de Ramalho Ortigão, Theophilo Braga e Alberto Bessa. Insere tambem a poesia *Os cinco sentidos*, original do notavel homem de lettras.

Novo collega.—Recebemos já o *Correio Nacional*, novo collega que se publica todos os dias e que não tem politica. E' um periodico muito bem feito. Damos-lhe as boas vindas.

Hydrophobia. — Uma creada do sr. Christovam d'Arêde Coelho, da Mourisca, diz a *Soberania do Povo*, de 5, uma tal Maria Marmella, foi ha dias mordida por um cão, fazendo-lhe alguns ferimentos. O patrão viu os ferimentos á Marmella e, a tiro, matou o cão. D'ahi a dias começaram por lá a dizer que o cão estava hydrophobo e que até a pobre rapariga apresentava já symptomas maus. Taes coisas disseram e fizeram que o sr. Coelho tirou-se dos seus cuidados, desenterrou o cão, cortou-lhe a cabeça, encaixotou-a, e dizem-nos que embarcou com a creada em direcção a Lisboa para alli se verificar se o animal estava hydrophobo e para a Maria Marmella ser tratada pelo systema Pasteur.

Nova feira.—A camara municipal de Cantanhede resolveu estabelecer uma feira mensal de cereaes, gado vaccum, cavallar e suino na villa de Ançã, no dia 2 de cada mez. A primeira realisou-se na quinta-feira e foi bastante concorrida de gado e outros objectos.

Dito gracioso de Luiz de Camões. — Saindo Luiz de Camões de ouvir missa na ermida de Nossa Senhora do Amparo, lhe fallou o duque de Aveiro, e sabendo d'elle que não tinha de jantar n'aquelle dia, perguntou-lhe que cousa queria que lhe mandasse da sua mesa.

Camões respondeu, que bastava que lhe mandasse uma gallinha o que o duque lhe prometteu. Este, porém, esquecendo-se da promessa, e lembrando-se d'ella sómente muito depois de haver jantado e toda a familia, por não haver já gallinha, mandou-lhe um prato com vacca assada. Camões vendo, então, que não tinha gallinha, pelo mesmo creado mandou ao duque a seguinte resposta:

« Já eu vi ao taberneiro
Vender vacca por carneiro,
Nunca vi por vida minha
Vender vacca por gallinha
Senão ao duque d'Aveiro.»

Pelo campo.—Diz a *Vinha Portugueza*, que a estação corre favoravel aos trabalhos agricolas, sómente a poda das vinhas não tem tido um grande desenvolvimento, pelo muito frio e bastante neve que tem havido em certas regiões. Apezar d'isso muitas vinhas estão podadas, e as terras devem estar bem preparadas, porque cairam neves e geadas, que muito as favorecem. Oxalá que as chuvas não venham quando as cepas estiverem em flôr, pois todos sabem o mal que isso causa. N'este mez continuam os trabalhos de estrumação, poda, mergulhias, e começam tambem alguns viticultores, ainda que cedo, as enxertias. A plantação de plantas americanas toma o maior desenvolvimento na Extremadura e tambem vae ganhando terreno no Douro. Bom será que os poderes publicos prestem a maior attenção á restauração dos vinhedos. O fornecimento de boa vinha americana aos lavradores é, n'este momento, dos maiores auxilios que o governo pode prestar á viticultura.

Os vinhos novos conservam-se sem alterações; para serem garantidos de qualquer doença bom é que comecem a ser tirados das mães, sendo trasfegados para vasilhas bem preparadas e sulfuradas.

O nosso commercio de vinhos continua desanimado. Segue, sem alteração, para Londres e Rio de Janeiro, mas não se manifesta movimento para outros paizes. Apezar do desaccordo aduaneiro, a Hespanha manda para França 7 a 8 vapores carregados de vinho, todas as semanas. E' vinho barato, mas vão tendo exportação as adegas que se conservam cheias da colheita de 1862 a 1891.

Sinagoga incendiada—Na manhã de 1 do corrente, um violento incendio destruiu em Roma uma magnifica sinagoga. Faltam pormenores.

Despachos administrativos.—Verificaram-se os seguintes:

Bacharel Luiz José Coelho Sobral—nomeado administrador do concelho de Santa Comba Dão.

Antonio de Albuquerque Brito da Silveira Lobato, administrador do concelho de Mangualde—transferido para o de Santa Comba Dão.

Urbano José Telles—demittido de administrador do concelho de Villa Franca do Campo.

Rodrigo Alberto Peixoto Galvão de Oliveira—exonerado, a seu pedido, de administrador substituto do concelho da Figueira da Foz.

Bacharel Antonio Diogo Pinto Cardoso—exonerado de administrador do concelho de Alvaiazere, por não haver tomado posse no praso legal.

João Antonio Mendes Junior—nomeado administrador do mesmo concelho.

Bacharel Joaquim Dias de Souza Arroyo, nomeado para o logar vago de administrador do concelho de Bouças.

Bacharel Genesio Pereira, nomeado para o logar vago de administrador do concelho de Moimenta da Beira.

Manuel Mendes Lopes, exonerado, a seu pedido, de administrador substituto do concelho de Cezimbra.

Cesar Castro de Abreu Motta, nomeado para o logar vago de administrador substituto do concelho da Batalha.

Aurelio de Mello Ilharco e Luiz Antonio de Magalhães Fonseca, amanuenses da contadoria do hospital real de S. José e annexos promovidos a segundos officiaes da mesma contadoria.

Joaquim da Silva Machado, amanuense dos caminhos de ferro de sul e sueste, transferido para identico logar vago na contadoria do mencionado hospital real.

Despachos ecclesiasticos.—Effectuaram-se os seguintes:

Apresentados os presbyteros:

João Antonio Martins, parocho collado na egreja de Nossa Senhora da Conceição de Aldeia Nova e Aldeia Velha, diocese da Guarda, na egreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção de Valle de la Mulla, no concelho de Almeida, da mesma diocese; João Pereira Machado, na egreja parochial de Santo Amaro, no concelho de S. Roque, ilha do Pico, diocese de Angra; Augusto Baptista Gonçalves, parocho collado na egreja de S. Nicolau de Lebação, diocese de Bragança, na egreja parochial de Nossa Senhora de Assumpção de Gondozende, no concelho e diocese de Bragança; Joaquim Mendes de Araujo, na egreja parochial de S. Martinho de Sande, no concelho de Marco de Canavezes, diocese do Porto; Manuel Rodrigues de Faria, na egreja parochial de S. Salvador de Figueiredo, no concelho e diocese de Braga; Francisco José das Neves, parocho collado na egreja de Nossa Senhora da Assumpção de Valle Bom, diocese da Guarda, na egreja parochial de S. Lourenço de Souropires, no concelho de Pinhel, da mesma diocese; Antonio Pinto do Couto, na egreja parochial de S. Pedro de Cahide do Rei, no concelho de Louzada, diocese do Porto; Manuel Antonio Monteiro Limão, na egreja parochial de S. João Baptista de Villar Formoso, no concelho de Almeida, diocese da Guarda; João Baptista Pereira, parocho collado na egreja do Carvalhal de Obidos, diocese de Lisboa na egreja parochial de S. Lourenço de Carnide, 2.° bairro da cidade de Lisboa.

Providos os presbyteros:

Antonio Pedro da Silva Teixeira, na serventia vitalicia da thesouraria da egreja parochial de Santa Maria dos Olivaes, diocese de Lisboa; Francisco de Assis do Nascimento Rocha na serventia vitalicia da thesouraria parochial da egreja de Nossa Senhora da Lagôa, diocese do Algarve.

Acceitas as desistencias aos presbyteros:

Eduardo Lopes da Silva, parocho collado na egreja dos Santos Reis Magos do Campo Grande, diocese de Lisboa da egreja parochial de S. Thiago a Par de Ceia, diocese da Guarda; João de Almeida Metello, parocho collado na egreja de S. Miguel de Ferreira de Zezere, diocese de Coimbra, na egreja de S. Pedro da Ericeira, no concelho de Mafra, diocese de Lisboa.

«Os Novos». — A revista parisiense *Art Europeense* vae publicar um numero unico sobre a litteratura portugueza contemporanea, tratando sobretudo dos modernos. Os directores da revista encarregaram o sr. Xavier de Carvalho dos artigos que devem acompanhar os *croquis* dos nossos poetas novos. Estes *croquis* devem ser feitos por Julião Machado.

O terramoto na ilha de Zante. — As noticias sobre o terramoto em Zante estão produzindo uma sensação enorme em Londres. Isto explica-se não só pela magnitude que se suspeita teve o desastre, mas tambem pela circumstancia de que na ilha ha uma colonia ingleza numerosissima e quasi todo o commercio, que é muito rico, acha-se monopolisado por importantes casas inglezas. O governo e os periodicos telegrafaram para Malta, pedindo noticias, mas nenhumas teem vindo, augmentando assim a ancidade. Dois navios inglezes que estavam em Malta, o «Deadwonght» e o «Camperdewn», partiram de La Valetta para Zante, levando a bordo grande provisão de barras de campanha, camas, viveres e medicamentos com o fim de soccorrer os sobreviventes do terramoto. E' indubitavel que se tracta de uma grande catastrofe, havendo a lamentar milhares de victimas.

A ilha de Zante tem uma extensão de 438 kilometros quadrados e uma população de 44:000 habitantes. A metade da população vive na capital e o resto no campo e em nove pequenas cidades. A cidade de Zante está situada proximo d'uma montanha e é praça forte. Tem um commercio activissimo.

Londres, 2. — Acabam de chegar telegrammas, ampliando as primeiras noticias sobre o terramoto em Zante. O desastre é horrivel. Cidades inteiras ficaram reduzidas a montões de escombros, sepultando os seus habitantes.

Era de madrugada. Os infelizes moradores da ilha descançavam nas suas camas, quando de subito se sentiram violentamente sacudidos por um grande movimento oscillatorio da terra, e logo em seguida o fragôr dos edificios que se desmoronavam.

Em poucos segundos aldeias e cidades inteiras ficaram destruidas, sahindo das suas ruinas ais e lamentos lancinantes. O desastre foi demasiado rapido para que alguem podesse salvar-se. O numero de mortos e feridos é enorme. Entre as ruinas ha sepultadas innumeras pessoas, muitas das quaes estarão sem duvida vivas, aguardando a salvação. Foi tão espantoso o panico, originado nos primeiros momentos e que continua, que ninguem quiz entrar no povoado e os trabalhos de salvação são muito difficeis por esse motivo. Os feridos fugiram, arrastando-se até chegar ao campo aberto, unico sitio onde se julgavam seguros.

O campo apresentava tambem um quadro de desolação indiscriptivel. Os vinhedos e os olivaes, que constituiam a riquiza da ilha, fôram destruidos pelo terramoto. Uns jazem debaixo da terra e outros estão arrancados.

Ao horror dos primeiros momentos juntou-se o fogo, que em varios sitios rebentou entre as ruinas e que causou tambem enormes prejuizos. N'este momento é impossivel calcular sequer o numero approximado das victimas por faltarem noticias da maioria das populações da ilha, porque o terramoto fez estragos em toda.

Agora á desolação da morte e da ruina veio juntar-se a fome. Não ha alimentos em Zante. O governo grego enviou varios navios com viveres e solicitou o concurso das outras nações para accudir a tantos infelizes.

Parece que na capital não teve o terramoto tanta violencia como no interior da ilha. Entre outros pormenores, veio telegramma de que entre os edificios que soffreram os effeitos do tremor de terra figuram o hospital e a cadeia. No primeiro póde ser salva e transportada para logar mais seguro a maioria dos enfermos. Na cadeia desabaram os telhados, causando bastantes victimas. Então os presos sobreviventes fizeram desesperados esforços para fugir, mas, apesar de tão terrivel momento de panico, os guardas cumpriram com o seu dever, contendo-os, embora fossem obrigados a fazer uso das armas. A' primeira e violenta oscillação que causou a catastrophe seguiram-se outros muitas, bastante fortes, que acabaram de consummar a ruina de muitos edificios e determinaram o mais irresistivel panico. Hoje tambem se sentiram algumas oscillações.

Uma mulher degolada.—N'uma casa da rua de S. Lazaro, em Paris, vivia desde julho de 1891 uma tal Luiza Lamier, de 35 annos, mulher de pessimos costumes, que tinha feito *menage* com Emilio Perrin, empregado no caminho de ferro do Oeste. Ora durante o tempo em que Perrin se achava ausente de casa, Luiza recebia numerosas visitas, circumstancia esta que sempre passára despercebida para os outros locatarios do predio. No sabbado, 4, pelas 7 horas da tarde, quando Perrim voltou para jantar, ao entrar no quarto de dormir deparou com o cadaver de Luiza em meio d'um mar de sangue e com um enorme golpe na garganta, que quasi lh'a cortava por completo. Perrin chamou logo por soccorro, acudiram agentes da policia, constatando-se depois que o mobil do crime não fôra o roubo e que não tinha havido a menor lucta entre o assassino e a victima, porquanto todos os moveis estavam intactos e no seu logar. Foi detido um outro empregado do caminho de ferro, de nome Achilles Dreafi, indigitado como um dos intimos de Luiza Lamier, mas do interrogatorio a que o submetteram parece não ter resultado culpabilidade alguma para elle. Ainda assim, Achilles e Perrin ficaram detidos para mais averiguações.

Um senhorio feroz.—Um operario de 55 annos, François Devines, alugara ha annos, por um largo espaço de tempo, um terreno no caes d'Ivry, bairro d'Auteuil, duas barracas de madeira e tijolo, uma das quaes sublocara aos esposos Charron, que alli estabeleceram um armazem de vinhos. Com o decorrer do tempo, e ao passo que o negocio dos esposos Charron progredia, o operario caiu na miseria e deixou de pagar a renda do terreno. O directo senhor intentou-lhe acção. Em vista do que, os Charron deixaram de pagar as rendas, e foram nas pondo em deposito até se ultimar a questão judicial. François Devines não póde perdoar isso aos Charron e já uma vez disparara um rewolver contra o taverneiro, sem o ferir. Depois d'isso, entrou de ameaçal-o e á mulher, dizendo a quem o queria ouvir que mais tarde ou mais cedo «os aviaria». Na noite de sexta-feira, 3, François Devines esperou que os Charron se deitassem e, depois, untou um dos angulos da barraca com agua-raz e chegou-lhe o fogo. O incendio propagou-se logo, e os pobres locatarios mal tiveram tempo de fugir em trajos menores. Saiu primeiro a mulher, que foi acolhida com dois tiros de rewolver, um dos quaes a alvejou no pescoço. O marido, que appareceu em seguida levou tres tiros, um dos quaes o feriu levemente n'uma perna. Largando o rewolver, François Devines lançou mão de um cacete e desancou e prostrou marido e mulher, que tiveram de ser recolhidos ao hospital Beaujon. Por ultimo, o miseravel fugiu, indo afinal entregar-se á policia, horas depois de commettido o crime.

Roubo audacioso.—O palacio do marquez de Panisx-Passis, na avenida Marceau, em Paris, foi uma d'estas ultimas noites assaltado por uma quadrilha que ahi commetteu um roubo importantissimo. Levou toda a baixella de prata, que ostenta em ouro as armas dos Panisx e dos Borbentane, algumas joias da marqueza e alguns quadros de valor entre os quaes figuram os seguintes: Dois Teniers, um representando um bebedor e outro um homem que está soffrendo a extracção de um dente. Um Ruyodael, em madeira, representando uma paisagem flamenga e um homem seguido por dois galgos pretos. Um Wouwerman, representando um cavalleiro n'um cavallo branco. Um Petercreep, «Interior de egreja gothica». Um Van-Dàel, «A edade de ouro». Um Van-Miéris, em madeira, «Jesus e a Samaritana». Os porteiros, que ficaram transidos de medo, deixaram commetter o roubo á vontade. No processo de instrucção que se está instaurando, o juiz Athalin perguntou-lhes:

— Que fizeram quando os ladrões partiram? Gritaram por soccorro?

— Não, senhor—respondeu a porteira. Ficámos tão assustados, que não tivemos força para proferir uma palavra.

— Mas emfim que fizeram? insistiu o juiz.

E a pobre mulher:

— Fizemos chá, sr. juiz.

As ambulancias da Allemanha. — Na guerra de 1870-1871 a Allemanha apresentou nos campos de batalha e hospitaes militares o seguinte pessoal do serviço de saude: 7:022 medicos, 8:336 enfermeiros, 12:707 ajudantes de enfermeiro, 606 pharmaceuticos e 254 ajudantes dos ditos, prefazendo um total de 28:925 individuos, não contando ainda com 1:770 pessoas que faziam parte do pessoal administrativo e trens de saude militar.

El-rei de los chulos... —O governo hespanhol conservou á viuva de Zorrilla a pensão de 3 mil pesetas que o immortal poeta recebia annualmente do estado. Antes de receber este subsidio, Zorrilla, que era pobrissimo, recebia uma pensão das senhoras hespanholas, á frente das quaes estava a duqueza de Medinaceli, sua ferverosa admiradora. Graças a essa liberalidade, o auctor dos *Cantos del Trovador* dizia-se muitas muitas vezes—«*el rey de los chulos, mantenido por las mujeres.*» A pensão do estado foi-lhe conferida mais tarde, a instancias de Castellar, Canovas e Sagasta.

Orgia de sangue.—Dizem de Paris que Francisco Bocognano, de 17 annos, taverneiro na aldeia de Pratotondo, votara um odio mortal a dois irmãos uterinos, Pedro Corticchiato e Nicolau Cruciani. Na noite de sexta-feira da semana passada, os dois irmãos, em companhia de um tal Bacchiolelli, entraram na taverna de Bocognano e pediram de beber. Iam já um tanto ebrios. Bocognano, dissimulando o seu odio, acolheu-os bem e serviu-lhes quanto vinho elles pediram. Depois, vendo que a embriaguez dos dois irmãos era completa, julgou que era chegado o momento de vingar-se. Para se desembaraçar de Bacchiolelli, que não estava tão bebado como os outros, deu-lhe uma punhalada. O homem, vendo-se ferido e sem armas para resistir, fugiu; Bocognano, ficando só com os outros, fechou a porta e caiu sobre os desditosos a golpes de alvião e a punhaladas, matando-os. Depois d'aquella orgia de sangue, puxou os cadaveres para fóra de casa, cobriu-os de tojo e lançou-lhes o fogo. Por ultimo, fugiu, não tendo sido preso até agora. De manhã, quando, a justiça chegou ao logar do crime, os dois cadaveres jaziam na estrada, sem roupas, cheios de ferimentos medonhos. Corticchiato tinha o craneo aberto e saiam-lhe os intestinos pelo ventre rasgado; dispersos no solo havia pedaços do encephalo. O fogo avermelhara o cadaver. Cruciani estava igualmente coberto de ferimentos e o fogo avermelhara-o tambem. Bacchiolelli, apesar do ferido, está sob prisão.

Pormenor interessante:

Bocognano é primo de uma ragariga, Lucia Cuttoli, que, na mesma noite do crime, disparou dois tiros de rewolver contra o seu seductor.

A lei de Lynch. — Um negro chamado Keddy Smith, accusado de ter assassinado uma menina de raça branca, que contava quatro annos de idade, em Paris, Estado de Texas, foi victima do furor da multidão

A policia apoderou-se do criminoso, mas a multidão arrancou-lh'o das mãos e pretendeu queimal-o vivo no sitio onde tinha commettido o crime. Os agentes, depois de renhida lucta, conseguiram resgatar o prisioneiro e conduzil-o para a cadeia da cidade, que foi logo rodeada pela populaça.

Esta noite uma turba de mais de mil pessoas assaltou-a, desarmou a guarda e apoderou-se do prisioneiro. Depois de o atormentar horrivelmente, arrastando-o desde a prisão, surda aos queixumes e supplicas do desventurado, os seus barbaros verdugos fizeram uma fogueira n'uma praça sobre a qual o collocaram. Smith morreu queimado a fogo lento, emquanto a bestial populaça soltava imprecações e injurias!

Falcões-correios. — O tenente russo Smoiloff conseguiu educar alguns falcões no transporte de correspondencia. Estas aves apresentam muitas vantagens sobre os pombos-correios: o seu vôo é mais rapido, não estão expostas ás perseguições das aves de rapina, supportam maior peso de despachos e resistem consideravelmente mais aos rigores atmospherico. Conta um escriptor que, quando os falcões eram empregados na caça, deram notaveis exemplos de velocidade e resistencia. Um falcão que se enviou das Canarias ao duque de Lerma regressou da Andaluzia a Tenerife em dezeseis horas. Assim, as 250 leguas de distancia foram vencidas á rasão de 15 leguas por hora.

Triplice execução na Argelia.—A's seis horas e meia da manhã de 1 do corrente, na praça publica de Chebli, Argelia franceza, foram executados os indigenas Hadjben-Hamou, Ahmed-ben-Mohamed e Mohamed-ben-Amr, assassinos dos esposos Nadaud. No local do supplicio reuniu-se grande numero de curiosos, sendo o serviço de policia feito por duas companhias de atiradores indigenas e um pelotão de caçadores d'Africa.

Os condemnados mostraram uma attitude corajosa. Fizeram as suas ultimas recommendações para as familias e pediram que os seus corpos não fossem entregues aos medicos. Depois abraçaram-se e subiram ao cadafalso, recitando versiculos do Alcorão. O dr. Treille foi a Chebli para fazer experiencias nos cadaveres dos suppliciados.

Os acontecimentos das ilhas de Hawai. — Um correspondente de Londres participa que o ministro da Inglaterra em Washington formulou um protesto contra a intervenção dos Estados-Unidos no movimento revolucionario de Honolulu e contra o projecto de annexar as ilhas de Hawai á republica norte-americana. O mesmo correspondente accrescenta que se teme que a revolução de Hawai origine complicações graves e dê logar a um conflicto, apezar dos Estados-Unidos não estarem em condições de o affrontar, por não contar com forças navaes tão poderosas e bem organisadas como as da Inglaterra. Entretanto, a annexação das ilhas de Hawai, segundo um despacho de New-York, é muito popular nos Estados-Unidos.

Uma invenção util. — Na estrada de ferro Central do Brazil (antiga Pedro II) acaba de fazer-se experiencia de um apparelho destinado a preservar da poeira os passageiros. Esse apparelho consta de antepáros collocados nos claros das janellas dos wagons. O resultado foi satisfactorio.

A invenção, realmente de grande utilidade, é d'um francez, mr. Carrée.

Camelias. — Sabem d'onde deriva o nome d'estas flores? Do nome do jesuita que as importou do Oriente. Chamava-se Camelli, esse jesuita.

Como se sabe, a camelia não tem cheiro. Talvez fosse esta qualidade o motivo da sympathia do jesuita. E' uma flôr *discreta*... Mas admira, por isso mesmo, como se deu bem em França.

Armamentos. — Os allemães tratam de augmentar enormemente as suas forças militares de primeira linha. «Em presença de semelhante facto, pergunta um jornal francez, não seria tempo de acabarmos com dissidencias politicas, olhando um pouco para a frente?»

Vem ahi a primavera.

Maridos em perigo. — Os grévistas de Rave-de Giers começam a tremer pela segurança conjugal. Um d'estes dias, n'uma reunião publica, uma mulher, madame Verrier, tomou a palavra e disse textualmente, dirigindo-se ás suas companheiras:

— Cidadãos, se vossos maridos voltam para as officinas antes que o *comité da grève* tenha obtido as satisfações que pediu, eu emprazo-as a desprezarem... a fidelidade conjugal!

Cerca de trezentas mulheres presentes applaudiram energicamente o estranho emprazamento.

Em que lençoes se vêem agora aquelle pobres maridos! — pelo menos os que se sentiam em disposições de transigir...

Um «meeting» de mulheres.—No dia 4 á noite houve em Berlim uma reunião socialista, exclusivamente composta de mulheres, em numero de 2:000, pouco mais ou menos. Madame Zetke fez uma conferencia sobre a situação creada ás mulheres dos proletarios pelo novo projecto da lei militar e a assembleia approvou uma ordem do dia, resolvendo que se collocava no terreno do socialismo internacional.

Amendicidade.—A subscripção aberta em Madrid pelos *Procetores dos pobres* rendeu em poucos dias 101:500 pesetas. Aquella instituição tem por fim acabar com a mendicidade na capital de Hespanha.

O *Banco de Hespanha* subscreveu com 8 mil pesetas e S. M. a rainha regente com 6 mil.

SECÇÃO PARLAMENTAR

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 3 de fevereiro de 1893

Estando o governo representado pelos srs. ministros das obras publicas e da justiça, abriu a sessão ás 2 horas e tres quartos da tarde, verificando-se a presença de 32 pares.

O sr. Jardim refere-se aos casos de typhos manifestados em alguns alumnos do lyceu de Lisboa, e attribuidos ao pessimo estado das condições hygienicas do edificio onde funccionam as aulas. Chama para o assumpto e attenção do governo, esperando que, já que uma junta de sub-delegados de saude condemnou um hotel em Cascaes, por se ter dado alli um caso de typho, se tomem promptas providencias com relação ao lyceu.

O sr. ministro das obras publicas diz que já conferenciou com o sr. presidente do conselho ácerca do assumpto. Comprehende-se bem que, de momento, *não se póde achar casa para o* lyceu, mas trata-se d'isso com interesse e pensa-se em transferir as aulas para o antigo edificio do correio geral.

O sr. Jardim agradece estas explicações.

O sr. Teixeira justifica as suas faltas, associa-se ao voto de sentimento pela morte de Rosa Araujo e insiste por documentos que requerera pelo ministerio da marinha.

O sr. Oliveira Monteiro apresenta uma nova representação da camara municipal do Porto contra as propostas tributarias, representação que justifica em breves palavras e de que pede a publicação no *Diario do Governo*. Declara s. ex.ª que o Porto, não se impõe mas não acceitará novos sacrificios sem saber que nas despezas publicas se fizeram as possiveis economias e que a cobrança dos impostos foi equitativa para todos. Referindo-se á remodelação dos serviços publicos, acha perigoso o dar auctorisação ao poder executivo, pois nas reformas feitas pelo governo ultrapassaram tudo quanto se podia esperar de anarchia, e chegaram mesmo a ser inconstitucionaes, como os decretos que transferiam para o governo as obras municipaes, e supprimiu o subsidio dos deputados.

O sr. José Luciano declara que o partido progressista vota, como mero cumprimento ao chefe do estado, a resposta ao discurso da corôa, e ainda que o não satisfizeram as explicações dadas por parte do governo ácerca da crise ministerial, pois o parlamento tem indiscutivel directo de saber as causas d'ella.

O sr. visconde de Chancelleiros estima esta ultima declaração do sr. Luciano de Castro, porque vê que os partidos politicos assumem a responsabilidade que lhes deve caber, no assumpto e se não dão por satisfeitos com o mutismo do sr. presidente do conselho e do governo ácerca dos motivos da crise. O governo deixou a corôa a descoberto e nada respondeu, ao que lhe foi perguntado. Não concorda em que a resposta ao discurso da corôa seja um mero comprimento ao rei; mas declara não ter duvida em votal-a, mas registando a declaração do sr. José Luciano e esperando que por parte do partido regenerador se faça identica declaração. E se o governo não cahir a tempo, virá fazer na camara uma interpellação ainda sobre a origem da crise, para a qual conta com o apoio dos partidos.

O sr. ministro da justiça declara que o sr. presidente do conselho está na outra camara, onde foi chamado, sendo por isso e não por falta de consideração, que não comparece.

Em seguida, o sr. presidente nomeou a deputação que ha de levar a el-rei a resposta ao discurso da coroa, e designou para quarta-feira a sessão immediata.

—

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 3 de fevereiro

Abriu-se a sessão ás duas e tres quartos da tarde, havendo na sala grande numero de deputados.

Do ministerio estava apenas presente o sr. José Dias Ferreira.

Lida e approvada a acta, prestaram juramento os deputados por accumulação Fernando Palha, Abilo Lobo e Dantas Baracho.

Leu-se depois o projecto de lei do sr. Rodrigues de Freitas, apresentado na sessão de quarta-feira, relativo á reducção da lista civil. Não foi admittido á discussão.

O sr. Reimão apresenta uma representação da camara de Vianna do Castello contra os novos impostos.

O sr. presidente do conselho declara que a commissão de fazenda se está occupando das propostas de fazenda, e que elle orador se conformará com os justos cortes nas despezas que ella entender fazer.

(Seguiu o incidente Rodrigues de Freitas, que vae n'outro logar).

Liquidado este assumpto que chamára ás galerias da camara grande concorrencia, o sr. Arroyo requer que seja aggregado á commissão de fazenda o sr. Alfredo Brandão.

O sr. Franco Castello Branco falla sobre a collegiada de Guimarães.

O sr. Elvino de Brito refere-se a alguns actos do sr. ministro da fazenda; responde-lhe este satisfatoriamente, ao que parece.

O sr. Dantas Baracho, deputado por accumulação, falla *por domo sua*, contestando algumas affirmações do sr. Marianno de Carvalho, sobre o modo como são feitas as eleições de accumulação. Diz que se n'estas houve incorrecções tambem as houve nas outras, e sente que um homem que já foi ministro da corôa venha levantar semelhantes *suspeições sobre o acto eleitoral*. Os votos que elle orador obteve deve-os aos seus amigos politicos e pessoaes e não ao governo, com quem, desde a sua chegada d'Africa, não tem relações de especie alguma. Sobre as eleições do ultramar é de opinião tambem que ellas se não devem fazer, apenas por motivos de administração.

O sr. Marianno de Carvalho falla sobre questões pautaes e, respondendo

---

91 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

—

DECIMA PARTE

POR BEM FAZER MAL HAVER

VII

CASO D'APURO

O conde contemplou André com a satisfação do tigre que contempla a presa. O olhar de Luiz de Zuñiga tinha muito de sinistro e de terrivel, que fez gelar o sangue de André.

Mas o advogado era audaz e preparou-se para aparar o golpe.

— Que novidades ha?—perguntou, procurando dar á voz um tom jovial.

— Oh! por vida minha, ha grandes novidades! e tamanhas, querido André, que ámanhã hão de estender-se pela cidade cobertas por sudario de sangue.

— Homem, estás feito heroe de melodrama.

— Dize antes de tragedia.

— Diabo! O que succedeu?

André apenas poude articular esta pergunta. A lingua prendia-se-lhe, porque o medo principiava a apossar-se d'elle. O conde sorriu-se com visivel desprezo, e fitando no advogado um olhar que manifestava o seu estado de exaltação, perguntou-lhe:

— Conheces esta carta?

André aproximou-se, olhou para a carta e fez-se livido.

— Conheces esta carta, responde? — perguntou Luiz, segunda vez. André encolheu os hombros e respondeu:

— Não.

— Mentes!

— Luiz!

— Mentes, como um vilão que és: por mais oiro que enthesoures, serás sempre um miseravel. Esta carta é tua.

— Endoideceste: diz-me a consciencia que ámanhã me pedirás perdão do insulto que hoje me diriges.

— A tua consciencia! Tu tens lá consciencia! Não, não: vendeste-a cem vezes no mercado publico; acabemos, porém; depois d'uma infamia d'estas, já sabes o que te compete.

— Torno a repetir-te que estás louco: desafias-me; nunca recusei um duello, mas não me bato agora. Serena, e ámanhã, se persistires na mesma ideia, se continuares a duvidar da minha amisade, então nos bateremos. Arrojas-me ás faces uma falta que eu não commetti... emfim, a essa carta falta a assignatura, e essa letra não é minha.

— Tu bem sabes que me não engano; conheço-te bastante para te avaliar devidamente: primeiro saqueaste-me a gaveta, agora, vés-me pobre e queres roubar-me a honra; estas contas pagam-se com a vida. Bastou-me um segundo para despedaçar a incomprehensivel cadeia que me ligava a ti; a ti, que depois de me arruinares com perversos conselhos, depois de me fazeres trilhar uma senda para a qual não tinha nascido, quando me viste chegado ao desespero, termo d'esse caminho em que me lançaste, retiraste-me a tua amisade; a ti, que emquanto ferias o meu orgulho com falsas accusações, intentavas roubar-me o que ha de mais estimado e grandioso, a honra.

— Estás transtornado — tartamudeou André.

— Nem uma palavra! — ordenou o conde em tom imperioso. — Disseste-me um dia: «Segue o caminho que eu te indicar sem olhares para traz.» Obedeci-te, mas recorda-te de que te prometti arrastar-te na minha queda. Chegou a hora de cumprir a minha promessa.

— Decididamente, empenhas-te em que nos batamos?

— Sim; hoje mesmo, e á morte — preciso de libertar o coração do peso que o esmaga.

— Bom; um homem de bem nunca deve eximir-se a essas distracções. O que deveras sinto, é que, se me matares, o mundo possa dizer que o fizeste para me não pagares.

André confiava n'esta mola para se esquivar ao duello.

O conde devia-lhe alguns milhares de duros, pela maior parte, juros de quantias não satisfeitas.

Um devedor não póde bater-se com o seu credor, sem que se suspeite da sua honra: primeiro paga-se, e depois briga-se. O conde, que comprehendeu o tom que André lhe dirigia, lembrando-se de que tinha sobre a mesa alguns milhares de duros em notas do banco, respondeu:

— Tens muita rasão; para me bater comtigo tenho de pagar-te antes.

— Certamente: assim diria qualquer cavalleiro da edade média.

E André imaginou que estava livre do duello porque o conde não podia pagar-lhe. Entretanto, Luiz de Zuñiga encaminhou-se para a mesa, e do masso das notas contou oito mil duros.

— Aqui tens — disse — estão saldadas as nossas contas. Podemos bater-nos immediatamente.

André pegou nas notas do banco, entre contente e espantado, exclamando ao mesmo tempo:

— Olá! estás rico? Estimo bastante.

E amaldiçoou de si para comsigo o fatal acaso que lhe trazia ás mãos aquella somma em occasião tão inopportuna. O advogado guardou as notas no bolso do casaco.

O conde vendo a indecisão do que ia ser seu adversario, continuou:

— O que esperas? Escolhe d'ahi as armas que te convierem e segue-me.

— Teimas em que nos matemos como dois moços de corda? Preciso de padrinho para o que possa succeder; vou procural-o e ámanhã, depois de ajustadas as condições...

— Não, não; hade ser hoje, agora mesmo.

— Então, permitte-me ao menos que escreva a um amigo.

O conde hesitou na resposta.

— Atrasaremos meia hora, se tanto.

— Está bem; escreve.

André respirou. A carta, que tencionava escrever, podia salval-o. Eis o que ella continha:

«Sr. Commissario: Acho-me encerrado com o conde de Rambla na sua sala d'armas. E' meu devedor, e para se esquivar a pagar-me propõe-me um duello de morte; peço-lhe que venha tirar-me d'esta situação. Espero que seguirá immediatamente o portador.—*André Garcia.*»

— Prompto — disse o advogado, affectando a maior serenidade, e escrevendo no sobrescripto o que se segue:

«Ao senhor visconde da Estrella — rua de Alcalá — Urgente—Do seu amigo A. G.»

— O meu padrinho póde servir para os dois; tu conhece-lo: olha.

E mostrou o sobrescripto. Depois levantou-se e tocou a campainha.

Então Romão.

— Corre — disse-lhe André — a levar esta carta aonde o sobrescripto indica. E baixando a voz e fazendo um signal de intelligencia, accrescentou:

— Lê-a e vê se comprehendes o que tens a fazer. O conde póz-se a passear, como se não quizesse trocar palavra alguma com o seu falso amigo, e com a indifferença do desprezo.

André, imitando o mutismo do conde, deixou-se cahir n'uma cadeira, e pegou n'um livro, fingindo que lia.

De repente, levantou-se, demonstrando visivel inquietação, que provinha da incerteza em que estava sobre se o criado teria comprehendido; procurou disfarçar examinando as armas que guarneciam a panopli.

— Boas pistolas — disse experimentando a fecharia.

— Bater-nos-hemos á pistola, se quizeres — respondeu o conde, sem interromper os seus passeios.

— Não me decido até que chegue o meu padrinho. O conde parou em frente d'uma porta pequena e fechou-a para evitar que Rosa viesse para alli estorvar o duello. Só restava franca a porta principal, e essa tornava-se incommunicavel logo que chegasse o padrinho de André. Decorreu um quarto de hora. O conde começou a impacientar-se. Emquanto a André, póde dizer-se que cada minuto que passava lhe augmentava a agitação e a pallidez. Por fim, ouviram-se passos no correr proximo. Os passos aproximaram-se, e o conde e André olharam para a porta. O coronel Carlos Perales apresentou-se á entrada.

André exhalou um gemido de dôr, que felimente não foi ouvido.

O rosto de Carlos, nobre e sereno, o uniforme militar e as honrosas condecorações que lhe pendiam do peito, foram de máu agouro para o advogado.

— A sorte abandona-me — murmurou elle — este homem mata-me.

depois ao orador antecedente, diz que não teve idéa de melindral-o nem aos seus collegas, e faz a condemnação do actual regimen eleitoral.

O sr. Abilio Lobo, tambem deputado por accumulação, trata egualmente de defender a sua eleição, censurando as palavras do sr. Marianno de Carvalho. Este levanta-se para responder, o que faz resumidamente.

O sr. Arouca refere-se á tramoia dos vinhos hespanhoes, que são exportados pelos nossos portos, promettendo o sr. Dias Ferreira providenciar sobre o assumpto.

O sr. Libanio Fialho requer esclarecimentos por diversos ministerios e annuncia uma interpellação ao sr. ministro das obras publicas sobre as eleições no circulo de Beja.

O sr. Pedro Victor declara que não teve interferencia na eleição de Beja e que sempre, no desempenho do seu cargo de ministro, procedeu com a maxima justiça.

Passou-se depois á ordem do dia, eleição da commissão de legislação civil, verificando-se não ter entrado na urna numero legal de listas. O cavalheiros que hão de compôr a referida commissão, segundo todas as presumpções, são os seguintes:

Amandio Motta Veiga, Antonio Baptista de Sousa, Augusto José Pereira Leite, Francisco Antonio Veiga Beirão, João Arroyo, João de Paiva, João P. Rodrigues dos Santos, Joaquim Paes da Cunha, José Domingos Ruivo Godinho, Luiz G. Reis Torgal, Mathias Teixeira d'Azevedo.

—

Sessão de 4 de fevereiro

Presidencia do sr. Azevedo Castello Branco. Presentes 57 deputados. Acta approvada.

O sr. Julio Pires apresentou o projecto de resposta ao discurso da corôa. A camara resolveu que o projecto fosse a imprimir com urgencia.

O sr. Mello Simas repelliu as palavras do sr. Marianno de Carvalho, quando disse que os Açores se impunham á metropole, exigindo melhoramentos incompativeis com o estado do thesouro. Sobre este assumpto levantou-se incidente, fallando os srs. Abreu Castello Branco, Jacintho Candido, Marianno, Machado.

O sr. Laranjo queixou-se de que ainda não tinham sido trocadas as cautellas provisorias por titulos definitivos, aos credores da divida externa, que converteram os mesmos titulos para a divida interna. Pergunta tambem se o D. Prior da collegiada de Guimarães se achava de licença.

O sr. ministro da justiça respondeu que não sabia, pois que essa licença dependia do respectivo prelado, mas que podia assegurar que o mesmo prior possuia um caracter honrado, sendo incapaz de estar ausente abusivamente.

Sobre o mesmo assumpto e concordando com a opinião do sr. ministro da justiça, fallaram ainda os srs. Frederico Arouca, Franco Castello Branco e Avellar Machado.

O sr. Miguel Dantas renovou a iniciativa do projecto de lei que concede á camara municipal de Coimbra as muralhas da mesma villa.

O sr. Mattoso Corte Real pediu que se fizesse com urgencia um tratado como ha em Hespanha, para a execução de sentenças transitados no julgado de Portugal, e queixou-se da transferencia de processos de fazenda, dos juizes de direito para escrivães de fazenda.

O sr. Elvino de Brito fez varias considerações sobre a reforma judicial, respondendo-lhe o sr. ministro da justiça. Foi eleita a commissão de legislação civil.

—

Sessão de 6 de fevereiro

Depois de lida a acta foram presentes á camara as representações das associações dos proprietarios de Lisboa e Porto e dos lojistas de Lisboa contra as medidas de fazenda, e que ambas serão publicadas no *Diario do Governo*.

O sr. Marianno de Carvalho envia para a meza um projecto de lei e estranha que não lhe tenham sido enviados os requerimentos que por varias vezes tem solicitado.

O sr. Carlos Lobo d'Avila requer notas da receita do imposto do alcool, pois deseja n'outra occasião tratar desenvolvidamente do assumpto.

O sr. Jacintho Candido envia para a meza tres representações contra a reforma da escola do exercito.

O sr. conde do Alto Mearim estranha e lamenta a ausencia do sr. ministro da marinha e dos estrangeiros, por desejar perguntar-lhe a razão porque não se ultima o tratado de commercio com o Brazil, que reputa um manancial de receita para o nosso paiz. Em se achando alli o referido ministro ou qualquer membro do governo fará essa interpellação. Declara a sua attitude na camara, que é á esquerda, combatendo os actos do governo que julga pouco liberaes.

O sr. presidente do conselho apresenta uma proposta de lei para o restabelecimento do Sanatorio da Serra da Estrella.

O sr. Serpa Pinto pede se consulte a camara sobre se deve ou não publicar-se no *Diario do Governo*, uma representação que enviou na ultima sessão para a meza. A camara resolveu que sim.

O sr. Abilio Lobo apresenta requerimentos, e pede entre outros documentos o orçamento geral do estado. Requer regularidade na publicação dos balancetes samanaes do banco de Portugal.

O sr. presidente do conselho dá explicações que pouco explicam.

O sr. Dantas Baracho reserva a palavra para outra occasião, uma vez que a ordem do dia está dada para as 4 horas da tarde e precisa de fallar muito com s. ex.ª

O sr. ministro dos estrangeiros desculpa-se de não chegar ao começo da sessão; reserva para ámanhã o ouvir e dar explicações ao sr. Baracho e responde ao sr. conde do Alto Mearim, que o tratado está em via de concluir-se.

O sr. Alfredo Brandão pede notas sobre pagamentos não auctorisados e insurge-se por não lhe haverem sido remettidos documentos relativos ao Ultramar.

O sr. Villaça envia para a meza requerimentos de tenentes e propõe que se aggreguem á commissão do orçamento os srs. Elvino de Brito, Teixeira de Vasconcellos, conde de Proença a Velha, Victorino Vaz e Ferreira d'Almeida.

O sr. José Maria de Alpoim falla das interpellações que tem pedido.

O sr. Eduardo de Abreu falla sobre o negocio dos Açores e pede explicações ao sr. presidente do conselho.

Entra-se na ordem do dia.

O convenio

Abre o debate o sr. Oliveira Martins, tendo, antes d'este senhor fallar, declarado o sr. Carrilho que o referido senhor assignára vencido a proposta referente ao convenio. Declara que tem de ser extenso, pois tem de explicar á camara o seu procedimento. Antes, porém, dirige perguntas ao sr. presidente do conselho ácerca das reclamações que porventura se hajam dado, e se o thesouro pode satisfazer ás medidas propostas.

O sr. presidente do conselho responde desfazendo, diz, as apprehensões do sr. Oliveira Martins. Explica este senhor a situação do thesouro quando entrou para os conselhos da corôa, e os encargos externos e internos. Pediamos em cada anno 8:000 contos emprestados. A pauta nova salvou-nos em 92, deixando as industrias n'uma situação desgraçada. Põe em relevo as vantagens da lei de 26 de fevereiro de 1892, fazendo d'ellas uma desenvolvida exposição. Falla da ida a Paris do sr. Serpa Pimentel, na missão da negociação do convenio, e relata varios pontos referentes a essa negociação, lendo algumas notas trocadas entre o sr. Serpa e o governo de então, de que elle orador fazia parte, e varios outros documentos. Acompanhando desde a sua formação as negociações com os delegados dos *comités* de Berlim, Paris, Lyon, Londres, Bruxellas e Amsterdam, historiou com documentos á vista todo o convenio.

O sr. Oliveira Martins continua quasi á hora de terminar a sessão, no uso da palavra, que certamente reservará para ámanhã.

CARTA DA FIGUEIRA

5 DE FEVEREIRO DE 1893.

Ficamos horrorisados ao lermos a nossa ultima correspondencia! Vinha, como vulgarmente se diz, *inçada* de erros. Fizeram-nos dizer pochadas, francesismo de que somos incapazes; fizeram-nos dizer ao Valentim que o typo bohemio a que elle se referia *se encontrava* na Figueira, quando nós queriamos dizer o contrario, pois effectivamente não se acha esse typo entre a grey figueirense. Empregámos a palavra *Shocking* para qualificar o proceder pouco cavalheiroso d'uns bailarinos da Assembleia; saiu-nos Chochina, termo phantastico, digno da bossa inventiva do Manoel Chimpanzé. D'aqui endereçamos ao sr. typographo os nossos agradecimentos por estes e outros lapsos que seria fastidioso narrar aqui. Que o leitor nos desculpe.

Na nossa penultima carta demos um typo figueirense que todos attribuem ao sr. R. G. E' falso. Apresentando este cavalheiro nos diremos: —D. Juan figueirense em caminho de reforma; o homem mais distincto da Figueira. Está meia Figueira indignada com a nossa prosa rasteira: *tel sujet tel style*: se é mau aquillo de que fallamos como podemos dizer bem? Mas: dirão: cale-se, não diga cousa alguma, é facil dizer mal; que necessidade ha de desgostar esta gente? E' boa, quem os manda a elles escreverem baboseiras incriveis e serem ridiculos desde os callos ás sobrecasacas novas? Goethe, em creança era lindissimo, e quando via alguma pessoa feia, chorava. Nós não somos Goethe, nem creança (já cá temos 42 e meio) nem lindissimo, mas quando lemos Valentim Junior, ou sabemos que o auctor dos Rithmos consente que se represente a Princeza dá-nos uma gana formidavel de desancar, pelo menos com a penna, estes dois desalmados cultores das letras. Continuando o nosso paralelo: tambem não choramos como Goethe, (é verdade que o Junior e G. de L. não são d'uma fealdade socratica) mas vamos-lhes esgatanhando assim a dura epiderme. Dura epiderme, ou no sentido de impenetravel ao castigo, ou no de susceptibilidade ao remoque que em Coimbra se chama *pello*.

Dirão mais: é falta de caridade fallar mal da *Princeza* antes da recita. Mas que nos importa (e a outros menos que a nós) que a peça cáia desastrosamente se o seu producto não é applicado a nenhum fim util ou philantropico? E se fôr, desde já damos a mão á palmatoria e reservamo-nos para mais tarde tosarmos em duplicado os implicados n'este attentado.

Zé Bentes continua a impingir-nos a sua cebacea proza, fallando de cousas que não interessam ninguem, chôchas tropelias da sua imaginação mendiga. Diz-nos que os vacões lhe chamaram doutor; ha um velho proverbio: burro carregado de livros é doutor, por isso não admira que lh'o chamassem. Ao Arrebenta-cabeçadas, um dia que foi a Coimbra, tambem chamaram *doutor*.

E a chistosa local da *Correspondencia* a respeito do secretario? Que mimo, que *humour!* Com um director prior e um secretario tambem padre fica um jornal muito catholico, mas pouco *constitucional*.

— Estavamos anciosos pela prosa de Junior que só agora nos chegou á mão. Salvè! inconguente *carabin* das nossas cartas! Elle quiz dissecar a nossa carta, mas em vez de bisturi pegou n'uma faca da cosinha e fez uma chacina de carniceiro inexperiente. Felizmente possuimos um bem afiado escalpello e vamos nós tambem chegar-lhe um calor. Chama-nos inclito, obrigado, mas não merecemos o epitheto. Zanga-se por chamarmos ás *felizes* locubrações do seu esturrado miolo, chronica, obra e missiva. Não tem que se zangar; para um jornal que toda a gente pode lêr nós não podiamos empregar senão esses termos ou outros similhantes; agora se fallassemos a sós com o Junior dariamos á sua estulta parolice o nome que lhe compete... Effectivamente fallámos em sandices afinadas, mas como o Junior *afinou*, e esse era o nosso fito estamos satisfeitos. Emquanto a gallicismos, temos conversado, ó Valentim vernaculo! Nós, é certo, empregámos *bondoir* e *improper* (saiba o Junior que esta palavra é ingleza e não franceza) porque não podiamos dizer *amuadoiro* nem *improprio*; dissémos *les jeunesses*; saiba mais o Junior que se diz em bom francez fallando d'uma senhora nova *une jeunesse*. Se não sahiu em grypho, foi culpa do typographo e não nossa. E não era motivo para fallar em raio, etc., tomando proporções de Jupiter tonante que nos não amedrontam. Nós explicamos os nossos gallicismos, agora fazer musica é que se pode substituir por compor, tocar, etc.

Os nossos gallicismos não eram frases francezas aportuguezadas, eram apenas palavras que empregamos para dar mais colorido ou mais realce á nossa prosa, no que não fazemos mais que imitar bons exemplos de escriptores portuguezes. Termina por nos chamar *sandeu*. Não admira; nós affirmamos que elle escreve sandices; em troca o bicho chama-nos sandeu. E' natural.

Faz mais umas referencias á nossa pessoa, como se nos conhecesse. Não conhece. Falla-nos em bem estar terrestre e em logar de primeira ordem no Ceu! (está é de primeira agua) que o bom Deus (outro gallicismo) nos tem guardado. Não nos parece; esse logar será para o Valentim a quem fica a matar uma das bemaventuranças. Em fim só um Valentim (nunca valente) Junior (mais novo) podia escrever um tal feixe de desconchavos.

— Hontem um pobre rapaz, cortador, andando á caça, deu um salto d'um vallado que deu causa a disparar-se-lhe a espingarda e morrer instantaneamente. O sr. dr. Amaral, que por acaso soube d'isto, prestou um grande auxilio ás auctoridades e aos medicos que tiveram de comparecer n'este desgraçado acontecimento.

— Sempre vae por diante a ideia do baile de mascaras. E' não desanimar e fazer sair a Figueira da sorna monotonia em que jaz. Lucta-se primeiramente com falta de damas e cavalheiros e depois com a avareza d'alguns conspicuos socios que nem com a prespectiva de comerem á farta bolos de *D. Luiz*, e tomarem chá (tomarem chá!...), se resolvem a largar uns tostões para o serviço. N'essa noute Valentim Junior irá de mestre *Aliboron*, personagem das fabulas de Lafontaine.

D. P.

CARTA DE CANTANHEDE

5 DE FEVEREIRO DE 1893.

E' costume muito antigo n'esta villa, nas proximidades do carnaval andarem pelas ruas, a altas horas da noute, alguns individuos embuçados ou desfarçados, os quaes parando ao pé da porta duma ou outra habitação assoalham, em vos alta e de falsete, a vida particular dos habitantes, proferindo palavras obsenas e offensivas da moral publica, chegando a offender a honra de mulheres bem conceituadas. Este uso é realmente repugnante, e custa a crer que n'uma terra importante como esta, e proxima de um centro civilisado como é Coimbra, se commettam taes abusos. Aos nossos ouvidos chegaram os queixumes d'algumas victimas da maldade e estupidez dos *graciosos nocturnos*, e nós em prol da decencia e da tranquilidade das familias, pedimos ao zeloso e illustrado administrador d'este concelho que adopte as medidas indispensaveis para que a moral publica e a paz domestica não sejam menospresadas.

N'uma das noutes da finda semana houve rija pancadaria entre os *graciosos nocturnos*, e os offendidos.

— Fez hoje annos o ex.mo sr. Dr. Accacio Sande Marinha. Parabens.

— Sahem para Coimbra, afim de lá passarem o carnaval as ex.mas sr.as D. Albertina de Campos Vieira, D. Maria Delfina Ribeiro e D. Adelina de Campos Vieira e o nosso amigo Abel Accacio de Campos Vieira.

— Estiveram n'esta villa os ex.mos cavalheiros Dr. Augusto Rocha e familia, Pedro Texeira, e Francisco Manuel da Silva Teixeira.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

NO ALEMTEJO

Vae adeantada a estação invernosa, e nem por isso as chuvas teem vindo em demasia, antes o tempo continua correndo optimamente para a agricultura, com grande jubilo dos lavradores, que, por tal motivo, alimentam as melhores esperanças sobre o bom exito dos seus grangeios.

Diz o ditado que *a nodoa de janeiro não tira o anno inteiro*. Felizmente, este anno não deixou nodoa o janeiro, o que já é um presagio animador para todos que lançam *pão* á terra.

*

As searas mostram-se atrazadas em consequencia das fortissimas geadas que teem cahido ultimamente. Mas isso em nada as prejudica porque os gelos da presente epoca são até proveitosos á cultura dos cereaes:—assim *os pães* enraizam e *afilham* mais e melhor do que quando o inverno corre chuvoso e de poucas geadas.

Vem a talho de foice aquelle outro ditado expresso nos seguintes termos: *Em janeiro sobe ao outeiro: se o vires luzir põe te a rir; se o vires verdejar põe-te a chorar*. Ora, os outeiros não verdejam por emquanto; luzem apenas. Logo podemos sorrir.

Isto de ditados dizem que são evangelhos pequenos, e, valha a verdade, os dois que ha pouco citámos justificam o conceito; outros ha, porém, que só primam pelo disparate, e são esses taes que obstam a que a classificação se possa tomar em absoluto.

*

Nos fins de dezembro e principios de janeiro, começaram-se os alqueives para as sementeiras dos tremezes, e ainda se não interromperam, graças á benignidade do tempo e á optima sazão em que a terra se encontra. Está por conseguinte adeantado o primeiro *ferro* da lavoura do alqueive denominado *relvas*, e dentro em breve começarão os *atalhos*, findos os quaes principiarão as sementeiras dos tremezes.

— Terminou o apanho da azeitona, cuja colheita foi mediana. Os lagares ainda funccionam mas deverão fechar brevemente. O azeite novo vende-se por 1$400 a 1$500 réis o decalitro.

— Os serviços das vinhas vão em bom andamento: a poda está feita e a cava vae começar. A *vara* com que as cepas ficam, não pode ser melhor.

*

E' deficiente a alimentação dos gados de regimen manadio, o que se não extranha na actual quadra, em que a intensidade dos gelos não cessa de crestar as hervas das coutadas e invernadouros. Comtudo, a maioria dos rebanhos e manadas, senão todos, estão em condições de resistirem perfeitamente ao resto do periodo escasso de pastagens, que deve terminar dentro de duas ou tres semanas, se as chuvas vierem no mez de fevereiro e se a primavera não for muito secca.

— A creação de lanigeros e caprinos, nascidos no começo do outomno, prosegue regularmente, sendo de presumir que termine a contento da maioria dos creadores. A parição *redolha* das duas especies mencionadas vae em principio e prolongar-se-ha até ao fim de março. Os borregos e chibos nascidos então quasi nunca se criam; aos dez ou doze dias de nascença são sacrificados á voracidade do animal homem, o mais insaciavel de todos os seres.

—Já terminou a chamada parição *herviça* das porcas. O alto preço que valem os suinos, faz crer que se aproveitem todos os leitões recentemente nascidos, embora esta creação ofereça resultado muito duvidoso, não só pelas contingencias que lhe são inherentes, mas tambem pelo excessivo preço que custa a cevada e outros generos alimenticios.

Os bacoros montanheiros de 5 a 6 mezes, teem-se posto bons nas migalhas dos montados, e alguns de refugo que apparecem nos mercados são logo vendidos para irem para a Extremadura alta e outros pontos do paiz. Os bacoros bons não é costume venderem-se agora; os lavradores reservam-n'os para os irem creando nas hervas e agostadouros, afim de os levarem depois ás feiras de setembro, outubro e novembro.

— Podemos dizer que melhorou na nossa região o estado sanitario dos gados em geral, depois das noticias pouco satisfatorias que demos na revista anterior. Não nos consta de novos casos de febre carbunculosa nos bovideos, e crêmos que desappareceu a *valquilha* que tantos ovinos dizimou.

Emquanto á febre aphtosa que tem grassado intensamente na capital e n'outras localidades, ainda não produziu effeitos sensiveis no concelho d'Elvas, onde, segundo informações fidedignas, apenas existe n'alguns bois de uma manada.

— Está a terminar a bolota dos montados.

Os mercados de porcos gordos effectuados semanalmente em Portalegre, Estremoz e Elvas, teem sido concorridos e bastante animados.

Como acontece sempre, a carne tem tido differentes preços desde 3:300 a 3:700 réis os 15 kilos.

No mercado da cidade d'Elvas não houve compras de vulto para exportação, nem suppomos que as possa haver já por ir decorrida a epoca da engorda e serem diminutas as existencias. Os cevados aqui vendidos, quasi todos foram para o consumo local que é importante. Quem possue alguns vintens ou, fallando melhor, algumas notas, em chegando á tarde da segunda-feira, como não haja impedimento em casa, agarra no peculio e «vae *pegar á Esquina*» que é como quem diz:—vae ao mercado comprar um porquinho para o fumeiro. E' da praxe e dos bons costumes alemtejanos.

*

Nos dias 29 e 30 realisou-se a feira de janeiro de Villa Viçosa, aonde concorreram todas as especies de gado.

Os bois e malatos (borregos de 15 mezes) tiveram altos preços, effectuando-se importantes vendas.

Os carneiros *marchantios* foram pouco procurados e por isso valeram menos relativamente.

Tambem se transaccionaram muitos porcos gordos, mas não a peso; quasi tudo se ajustou *a olho*.

O gado muar, novo e bom, esteve caro: as bestas *cerradas* sahiram por vender na sua quasi totalidade.

Durante a feira houve remonta de cavallos e muares, sendo pouco o gado apurado

João Chaparro.

SECÇÃO LITTERARIA

A FINURA DA MULHER

Certo pescador entrou uma noite em casa, depois de haver pescado no lago todo o dia sem apanhar um unico peixe. Lançára as redes por toda a parte conseguindo unicamente recolher duas garrafas de madeira, chatas e redondas. Uma curiosidade instinctiva fel-o desrolhar uma das garrafas, da qual sahiu immediatamente muito fumo, que se condensou, desenhando contornos.

Na escuridão, o pescador não poude distinguir fórma alguma, mas uma voz gritou-lhe:—«Não abras a outra, toma cuidado, olha que tem o diabo dentro; eu sou sua mulher, e fomos encerrados n'estes recipientes para expiarmos uma falta».

O pescador deplorou a sua curiosidade, mas consolou-se, pensando que tinha na outra garrafa um meio de se certificar da fidelidade de sua mulher.

Entrando em casa foi mal recebido pela companheira por não lhe levar peixe algum. A mulher perguntou-lhe immediatamente o que tinha a garrafa, e ambos foram deitar-se, depois da consorte haver promettido que não a abriria. De manhã, quando o marido sahiu, a primeira cousa que a mulher fez foi pegar na garrafa, raciocinando d'esta forma:

— Não faz mal nenhum examinal-la... Espera! tem uma rolha de madeira presa por uma correia de couro; não está fechada com solidez. Nada arrisco em tiral-a; meu marido quiz zombar de mim; não saberá que a abro!

Dito e feito.

Sahiu um grande fumo da garrafa, condensou-se e desenhou contornos que mostraram o diabo aos olhos estupefactos da mulher.

O arrependimento seguiu a apparição.

— Obrigado, mulher; és tu ainda que me prestas mais este serviço.

A mulher pouco satisfeita com o agradecimento, só pensou na sua infidilidade.

— Estavas n'esta garrafa disfarçado em fumo?

— Estava, sim, respondeu o diabo.

— Isso, é que não, respondeu a mulher.

— Como as mulheres são teimosas!

— Não sou teimosa, mas não posso acreditar impossiveis.

— Não viste sair o fumo da garrafa!

— Vi.

— Pois bem. Estava o fumo.

— Tu estavas mas era escondido por detraz do fumo e entraste pela chaminé.

— Não entrei, não.

— Entraste, sim!

— Teimosa! acredita-me.

— Pois bem! Vê.

A pouco e pouco a forma do diabo desappareceu, o fumo augmentou e entrou todo na garrafa, e a mulher muito contente por ter enganado o diabo, pegou na rolha e fechou-a hermeticamente.

Esta lenda tem por titulo:

«*A mulher é sempre a mais fina*».

A. C.

BIBLIOGRAPHIA

Compendio de theologia moral.— Está publicada já a caderneta n.º 15 d'este bello trabalho de P. João Pedro Gury, da C. de J., revisto pelo auctor e annotado por Antonio Ballerini da mesma C. e Professor no Collegio Romano e traduzida da 9.ª edição de Roma, por conego Joaquim Paes Sobral, examinador prosynodal, vice-reitor e professor de theologia moral, de liturgia e de computo ecclesiastico no seminario diocesano de Vizeu, etc., etc. São sempre esperadas com anciedade estas cadernetas, porque a obra é de grande valor e da maxima importancia.

ANNUNCIOS

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emproga-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Para as creanças ou pessoas muito dereis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.º 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

VENDA DE CASA

QUEM quizer comprar uma casa no Alboy, com frente para a rua de Santo Antonio, dirija-se a Jacintho Agapito Rebocho, a quem pertence.

O povo não esperava os acontecimentos de Lisboa, não conhecia todos os tramas dos inimigos da revolução de Maio, as confidencias, os despachos telegraphicos etc. Teve ao mesmo tempo a noticia dos acontecimentos da capital, e a da resolução de resistir, adoptada pelo sr. José Passos, que mandou tocar os sinos a rebate, avisar muitos patriotas, chamar para Santo Ovidio os administradores dos bairros (appareceram só dous), e alguns outros empregados, e pôr em pratica outras providencias, que apesar de sabidas de muitos, talvez se publiquem só quando sahir á luz a historia circumstanciada d'aquelle extremado feito de patriotismo portuense.

A' hora em que desembarcou o Duque da Terceira no Porto, achavam-se os heroicos cidadãos portuenses occupados nos seus mesteres, porque é sabido que n'esta cidade ha poucos ociosos, e que não ha povo nenhum tão virtuoso e laborioso como o portuense.

O que é para admirar é como em tão curto praso de tempo se reuniu tão grande numero de cidadãos respeitaveis, como á noite appareceram em Villar.

Fazemos inteira justiça ao sr. Passos José, que d'um conselho de guerra, diria com a franqueza, lealdade, e lisura que tanto o distinguem, o que elle fez n'aquelle dia e noite para sempre memoraveis, e não imitaria os criminosos vulgares, negando—que a iniciativa da revolução de 9 de outubro de 1846 lhe pertencia.—Conhecemos perfeitamente o sr. Passos José—não costuma declinar a responsabilidade dos seus actos, nem faz um segredo o que não possa dizer em publico.

A moda agora em a Europa é serem *anonymas* as revoluções. Essa moda agora é já antiga entre nós; porque a revolução de setembro de 1836, e a de maio de 1846 *passam por anonymas*. As iniciativas d'ellas partiram de todo o povo. Mas se o mui nacional movimento de 9 de outubro de 1846 carece para ter lugar entre as mais nobres e distinctas revoluções que se sacrifique a verdade historica ás conveniencias politicas, escreva-se então o romance de maneira que não possa ser desmentindo por uma grande cidade que presenciou os acontecimentos.

O governo provisorio, em consequencia da revolução de 9 de outubro de 1846, formado n'esta heroica cidade, foi acclamado, reconhecido, e obedecido pela quasi totalidade da nação. Quereis maior prova da sua popularidade? Houve por ventura já revolução mais santa e justa?...

O sr. D. João d'Azevedo não lembra que da bôca de nenhum popular sahisse em maio de 1846 a voz de=viva o decreto de 10 de fevereiro de 1842! nem=morram as eleições indirectas!=Comtudo essa resistencia forte, compacta, e unisona foi principalmente devida á execução d'aquelle decreto: porque não houve ainda n'este paiz providencia legislativa, ou constitucional mais popular, e por que a nação mostrasse tantos desejos de que se cumprisse.

Cabe muito louvor á benemerita Junta de Santarem e ao seu dignissimo presidente o sr. Manoel da Silva Passos, por haver exigido a observancia d'aquelle decreto, que se tivesse sido fielmente cumprido, haver-se-hiam evitado os differentes abalos por que desde a sua publicação o paiz passou.

A Junta de Jantarem bem mereceu da nação por haver comprehendido cabalmente as necessidades e desejos do povo, e conseguido a promessa e segurança de que seriam satisfeitos.

Não deve causar estranheza que houvesse quem não gostasse da reforma da Carta pelo decreto de 10 de fevereiro de 1842, e das eleições directas, e se contentasse com a reconsideração ou suspensão das leis da contribuição de repartição, e de saude, e com uma simples mudança de pessoas. Esta politica é mui propria para especuladores d'empregos, para quem os homens são tudo, e os principios nada.

Espanta a facilidade com que o distincto escriptor ousa asseverar, que o sr. Conde das Antas fôra repetidas vezes avisado, de que se ouvia fogo na frente no dia da acção de Torres Vedras, e não julgára acertado ir ao encontro do Duque de Saldanha, e que a Junta tinha sido avisada um sem numero de vezes, por muitas pessoas, e por todos os modos, que a esquadra ia ser aprisionada!! Quando a verdade é, que se o sr. Conde das Antas ouvisse o fogo, teria voado ao campo do combate, porque em valor militar não houve no exercito de

CAPITULO II

O sr. José da Silva Passos é natural de S. Martinho de Guifões, concelho de Bouças, districto do Porto, filho de Manoel da Silva Passos, e de Antonia Maria da Silva Passos, honrados lavradores (que nós muito bem conhecemos), casado com a ex.ma sr.ª Anna Margarida Soares da Silva Passos, proprietario, bacharel formado em Leis, bacharel em Canones, algumas vezes eleitor da provincia, deputado ás côrtes, subsecretario d'Estado dos negocios da fazenda, sub inspector do thesouro publico na época em que seu irmão mais novo o ex.mo sr. Manoel da Silva Passos foi ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda etc., socio honorario da Academia de Bellas-Artes de Lisboa — vogal, e vice-presidente da Junta provisoria do governo supremo do reino, eleita no Porto em 10 de outubro de 1846, — e encarregado das repartições dos negocios estrangeiros, e da fazenda, por decreto de 15 de outubro de 1846, até 30 de junho de 1847.

O sr. José Passos, com seu irmão o sr. Passos Manoel, foram os proprietarios e redactores do jornal liberal—*O Amigo do Povo*—que em Coimbra se publicava em 1823. Perseguido durante o regimen absoluto d'aquelle tempo, tornou a sêl-o em 1828 pelos partidistas do sr. D. Miguel. Retirado o exercito constitucional para Hespanha, emigrou o sr. Passos José com elle, e d'alli passou para Inglaterra e França.

Os srs. Passos Manoel, Barão da Ribeira de Sabrosa, Loonel, Saldanha, Passos José, Liberato, e outros, fundaram na emigração a opposição constitucional (a esquerda). Os dois Passos trabalharam o todo o tempo da emigração para destruir o governo tyrannico existente em Portugal. Ambos escreveram diversos folhetos politicos, e alguns artigos nos jornaes estrangeiros.

No memoravel cêrco do Porto serviu o sr. José Passos de tenente, e capitão do batalhão nacional provisorio de Santo Ovidio.

Foi eleito presidente da primeira camara municipal da cidade do Porto, que se nomeou depois do seu glorioso cêrco.

APONTAMENTOS PARA A BIOGRAPHIA

DO CIDADÃO

JOSÉ DA SILVA PASSOS

CAPITULO I

O opusculo = *Os dois dias d'outubro, ou a historia da prerogativa, por D. João d'Azevedo* = contém tantas inexactidões ácerca da resistencia n'esta heroica cidade, começada no dia 9 de outubro de 1846, e da guerra civil terminada pela convenção de Gramido de 29 de junho de 1847, que para restabelecer a verdade dos factos, e supprir as muitas lacunas, que n'aquelle folheto ha, faz se mister, que algum escriptor patriota se appresse a escrever a historia circumstanciada e verdadeira d'aquella tão notavel revolução.

Não vamos tão longe como muitos portuenses de todas as côres politicas, os quaes consideram o escripto do sr. D. João como romance. Alguma cousa se poderá d'elle aproveitar para a historia, ainda que não seja senão a maneira como elle viu e observou as cousas publicas.

Apesar de ter estudado a fundo o caracter de cada um dos membros que formaram a junta provisoria do governo supremo do reino em nome da nação e da rainha, foi o habil escriptor tão infeliz, que, depois da inexactissima relação dos acontecimentos do dia e noite de 9 de outubro de 1846, nada tem, pela parcialidade, dissemelhança, e exageração, desagradado tanto, como o juizo contido no capitulo 2.º a respeito

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprictarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala, e por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sens do porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

XAFREDO & FILHOS

RUA NOVA DO ALMADA, 64

LISBOA

Alfayates premiados em todas as exposições. Fazendas de completa novidade em lã, linho e seda. Especialidade em todos os artigos de **Sport.**

O maior e mais completo sortimento de utensilios para esgrima, fornecimentos para clubs e salas d'armas. Carabinas para carreira de tiro e salão. Diversos systemas de construcção d'apparelhos para gymnastica e de gymnasio completos.

Fornecem-se todos os esclarecimentos e preços correntes a quem os pedir.

CASA FUNDADA EM 1850

LICOR do Dr LAVILLE GOTTA RHEUMATISMOS

Especifico provado da **GOTTA** e dos **RHEUMATISMOS,** acalma as dôres as mais fortes. Acção prompta e certa em todos os periodos do accesso.

F. COMAR & Filho, 26, Rue Saint-Claude, PARIS.

VENDA POR MIUDO. — EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

NÃO MAIS O ENXOFRE SO

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM AO MESMO TEMPO

EMPREGUE-SE O **Enxofre composto—ESTACIO**

Empregava-se o enxofre só nas vinhas, quando estas eram atacadas sómente pelo **Oidium.**

Como agora são tambem atacadas pelo **Mildiu,** o nosso director technico, na sua qualidade de chimico e possuindo propriedades importantes de vinhas, estudou e applicou uma composição de enxofre com o fim de combater AO MESMO TEMPO os dois grandes males: o **Mildiu** e o **Oidium.**

E tão surprehendentes e extraordinarios foram os resultados da applicação do seu enxofre composto, que as suas vinhas parecem ransformadas, o que é de publica notoriedade nos sitios das propriedades, e algumas pessoas, que tambem o applicaram, obtiveram o mesmo resultado, e não deixam de o empregar, como o certificam muitos attestados.

MODO DE EMPREGAR

Applica-se com as enxofradeiras, da mesma maneira qué o enxofre simples, uma vez nos principios de maio, outra pouco antes da florescencia, depois mais 2 ou 3 vezes, com intervallos de 3 a 4 semanas, podendo por ultimo, quando não ha a receiar o oidium, empregar-se o **Pó anti-mildiu Estacio** em vez do **Enxofre composto Estacio,** por ser muito mais barato.

É sempre utilissimo fazer a applicação do **Enxofre composto Estacio,** embora não seja nas épocas indicadas, ou se tenha deixado de fazer alguma applicação.

O **Enxofre composto Estacio,** custa muito pouco mais do que o enxofre simples.

Vende-se em saccas ou a granel. Recebem-se as saccas a razão de 80 réis.

Lisboa—Fabrica da Companhia, Campo Pequeno, 17, ou na séde, Rocio, 59, 1.º e no Centro Agricola Industrial, Arco da Bandeira, 12.
Santarem—Sr. Joaquim Augusto Xavier Ramos, rua de S. Nicolau.
Figueira—Sr. Modesto Augusto Martins.
Bombarral—Sr. José Maria Duarte.
Portalegre—Sr. José Augusto de Pina Carvalho.
Abrantes—Sr. Manuel Dias Pinheiro.
Torres Vedras—Sr. Joaquim Pedro Marques.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇÕES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

Consultorio Medico-Cirurgico

—DE—

Molestias de Senhoras e Creanças

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento e Aurelia de Moraes Sarmento

Consultas das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

579—RUA DO ALMADA—579

PORTO

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radicar das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

JEYES PERFEITO PURIFICANTE MARCA REGISTRADA

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120 !
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41

REPERTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇAO PORTUGUEZA

por *J. Garcia de Lima*

Cada fasciculo de formato grande, bom typo e bom papel, 100 réis; pelo correio 105 réis. Requisições á Empreza Editora—Letras e Leis. A cobrança é feita por séries de seis fasciculos.

AVISO—Os cavalheiros que desejem assignar a obra, devem dirigir-se ao escriptorio da sua redacção, no Beco da Amoreira, 9, 3.º, Lisboa.

No prélo: Diccionario de Jurisprudencia e Legislação Portuguea. Preço do fasciculo, 100 réis; pelo correio 105 réis; pedidos á Empreza Editora—Letras e Leis.

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Réis. — PÓS: 1,200 Réis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

TRASPASSA-SE

uma ourivesaria bem afreguezada, em Aveiro,

Trata-se com Antonio da Costa, da mesma cidade.

PRENSAS E BOMBAS

PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto,* está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker,** no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot,** estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

PRENSAS PARA AZEITE

A fabrica da Fundição do Ouro, tem promptas algumas prensas para extrair azeite do bagaço da azeitona, as quaes satisfazem a uma pressão de 250:000 kilogrammas, *e pela qual se obtem 2 litros d'azeite de cada ceira, depois de serem compremidas com as varas.*

Vendem-se agora com grande abatimento.

Porto, 22 de dezembro de 1892.

O director gerente da Nova Companhia da Fundição do Ouro,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

se roga queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.º—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.º numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e, que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

AGENCIA PERMANENTE

DIRECTOR

DR. VAZ FERREIRA

Rua Nova do Almada, 25

LISBOA

Esta **Agencia,** por 3$000 réis annuaes pagos em duas prestações semestraes, encarrega-se de tratar todos os assumptos publicos ou particulares dos seus clientes e das familias com elles residentes, na conformidade das condições publicadas e que serão remettidas a quem as sollicitar.

Por preços egualmente modicos e conforme as referidas condições, trata os assumptos especiaes de qualquer natureza.

Para os esclarecimentos ou para a inscripção, deverá dirigir-se a correspondencia á

AGENCIA PERMANENTE
Rua Nova do Almada, 25
Lisboa

O ADVOGADO BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz. — Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

de cada um dos seis cavalheiros que serviram a causa da liberdade do paiz n'aquella melindrosa crise.

Resolvemos-nos por isso a colligir esclarecimentos biographicos dos membros da junta do Porto, para habilitar os que emprehenderem escrever a historia d'ella, a poder com conhecimento de causa distribuir a responsabilidade dos acontecimentos e dos actos governativos. Começamos a publicar os relativos ao sr. José da Silva Passos, não só porque foi elle o primeiro auctor do feito de 9 de outubro de 1846, mas porque é aquelle a quem o sr. D. João mostra melhor vontade.

Seria grande hypocrisia em nós, se não declarassemos que temos relações de amisade e fraternidade politica com o sr. José Passos, e que pertencemos áquella secção do partido progressista, que reconhece por seu chefe o sr. Passos Manoel, nosso Grão-Mestre politico. Nosso intento é todavia narrar com sevéra imparcialidade, e verdade, os acontecimentos que observamos,—e ao publico apresentarmos um juizo recto do proceder e serviços dos homens que em outubro de 1846 foram encarregados da nobre missão de fazer triumphar a causa da liberdade portugueza, e promover a felicidade d'este povo tão virtuoso.

Não somos litterato, nem escriptor publico. E' a primeira vez que atiramos á imprensa com o que escrevemos. Se contra a nossa expectação houverem alguns, que julguem que os acontecimentos não são em nosso escripto relatados com escrupulo, exactidão, e verdade; e se os retratos não forem parecidos, não virá d'ahi grande mal; porque terão esses só mais outro romance para encadernar com o discurso da camara dos pares, proferido pelo sr. Duque da Terceira, e com a historia dos dois dias do sr. D. João d'Azevedo.

A nossa amisade para com o sr. Passos José, apesar de mui antiga, não é tão extremosa como a do sr. D. João d'Azevedo. Este abalisado escriptor politico mostra tão grande interesse pelo sr. José Passos, que para attenuar a responsabilidade legal e moral, que lhe cabe como primario motor da revolução de 9 de outubro de 1846, inventa, que o sr. Passos José ficára *surprezo*, mas que em breve se revestia da sua

aos consules das diversas nações, residentes no Porto, e apparecem impressos em alguns dos principaes jornaes da Europa. Não houve abandono, nem descuido em informar as nações interventoras da questão portugueza de 1846 e 1847. — As discussões dos parlamentos de Inglaterra e França são prova incontestavel do que acabamos de escrever. Não seremos mais explicitos n'este ponto, nem revelaremos alguns meios, que para se conseguir esse louvavel fim, foram com muita habilidade empregados pelo distincto patriota que dirigia a repartição dos negocios estrangeiros; porque não queremos n'estes apontamentos dizer nada que não possamos provar com milhares de testemunhas, e muitos documentos. A discussão ha-de produzir o ser o publico informado de tudo.

Durante o governo da junta, muitos dos que hoje censuram o não se ter prestado mais attenção á diplomacia, diziam por essas ruas, praças, e pasmatorios—que a verdadeira diplomacia consiste na artilheria, cavallaria, e infanteria; e o dinheiro que hão de gastar com ministros plenipotenciarios e encarregados de negocios, empreguem-o na compra de cavallos, armas, e petrechos de guerra.

Hiam-nos desviando do nosso objecto, que não é analysar a obra do sr. D. João, mas escrever apontamentos para a biographia do nosso antigo e illustre amigo o sr. José Passos, que segundo a opinião quiçá singular do author da historia da prerogativa, tem o *sestro* do desdenhar de todos e de tudo, e apraz-se muitas vezes em vêr correr o sangue ás pinguinhas!!! Que tal está a poesia do nosso *Timão?*

Nos apontamentos biographicos de cada um dos membros da junta não é possivel deixar de apparecer rectificadas algumas das inexactidões do folheto do sr. D. João, mas falo-hemos sempre com a deferencia que se deve a tão habil escriptor.

Não vamos fazer o panegyrico do sr. José Passos, mas sim dizer aquella pequena parte dos serviços por elle prestados á causa do progresso, que as circumstancias permittem publicar. Tempo virá em que se poderá relatar o muito que reservamos para outra publicação.

D. Pedro, general, official, soldado, ou voluntario que executasse o intropido e habilissimo Xavier:—o que a expedição sahiu porque não haviam desconfianças rasoaveis de que seria tomada. Os documentos publicados nos jornaes e livro azul, mostram que a Junta não podia ter conhecimento *prévio* d'esse acontecimento, que deshonrará para sempre o governo britannico. Depois que elle se verificou, consta-nos que appareceram alguns impostores mui conhecidos—que para se darem importancia, começaram a dizer, que pelas suas relações diplomaticas *imaginarias*, tinham antes sabido o que succedeu.

Não nos causou surpreza o não ter o sr. D. João d'Azevedo alguma expressão para stigmatisar a calumnia inventada por C. C. de que o sr. Manoel Passos partira para Roma, a fim de acompanhar D. Miguel, porque estavamos preparados para tudo depois que fallando do sr. Passos Manoel elle escreveu a pag. 52... a final sempre cahiu em dizer que a verdadeira causa era porque em Santarem o Conde das Antas o não considerára como elle merecia!...

Afigura-se-nos que a supposta falta d'um commissionado em Inglaterra, que dissesse ao João Bull, ou a lord Palmerston, que a Junta do Porto não queria fazer banca-rota, que pôde ser relevada no tribunal do sr. D. João! Custa a acreditar que se fizesse semelhante censura. Pois quem ha ahi que ignore, que a junta nomeou seu encarregado de negocios na côrte de Londres o ex.mo sr. Antonio Cabral de Sá Nogueira, e que este distincto diplomatico prestou os mais valiosos serviços á causa nacional—que teve uma conferencia com lord Palmerston—que empregou os meios convenientes para esclarecer o publico britannico ácerca da questão portugueza—o que fez muito mais do que lembra o sr. D. João?

Como se havia de responder ao documento n.º 231 de Seymour para Palmerston, se d'elle não podia haver conhecimento senão depois de publicado o livro azul inglez? E qual deveria ser a resposta, ácerca da banca-rota, que deveria dar a um governo amigo do verdade e prosperidade do paiz?

O manifesto da junta, e todos os documentos importantes foram pela repartição dos negocios estrangeiros dirigidos

conhecida energia, o que a *uma voz* que não *sabemos* dizer bem d'onde veio, o povo agglomerou-se nas ruas! quando é sabido por adversarios, indifferentes, e amigos da revolução, que o sr. Passos José foi, depois de s. ex.as os srs. Visconde de Beire, governador civil do Porto, e Visconde d'Alcobaça, commandante provisorio da terceira divisão militar, o primeiro que soube dos acontecimentos que produziram a emboscada do 6 de outubro de 1846, e da commissão de que o Duque da Terceira vinha encarregado na sua chegada ás aguas do Douro; e que terminada no gabinete do governo civil do Porto a leitura d'um officio do Marechal Saldanha ao ex.mo Visconde d'Alcobaça, remettido por Terceira de bordo do vapor, e a informação do que a respeito da emboscada sabiam as duas primeiras authoridades — o sr. José Passos se declarou, in continenti e sem a minima hesitação, em revolução, e começou com incrivel rapidez a pôr em execução a sua lembrança, e a adoptar todas as providencias para o bom resultado da empreza. Tão apressado andou o sr. Jose Passos para evitar que o Duque e seus camaradas chegassem aos corpos primeiro que elle, que nem tempo teve para ficar *surprezo*; e muito menos para ouvir essa voz de que só por via do folheto do sr. D. João tivemos noticia.

Finge s. ex.a, que antes do pronunciamento do sr. Passos José, e da reunião dos tres corpos no quartel de Santo Ovidio haviam grupos pela cidade a gritar uns pelo sr. Passos, e outros pelos srs. Pinto Bastos!! Andamos pelas principaes ruas da cidade, fomos para o serviço do paiz desde a Praça Nova até ao quartel do 6.º fallar com um benemerito capitão, e não encontramos nenhum d'esses grupos, que não appareceram, nem podiam apparecer senão ás Trindades.

A tropa não obecendo ao Duque da Terceira, recolhendo-se aos quarteis de Santo Ovidio, e deixando o campo livre ao sr. Passos e ao povo para fazer o que conviesse para segurança da liberdade, provou que a tropa portugueza é tão civilisada como a franceza; e que os cabralistas nunca terão força para a deshonrar, fazendo-a assassinar a seus paes, irmãos, e amigos.